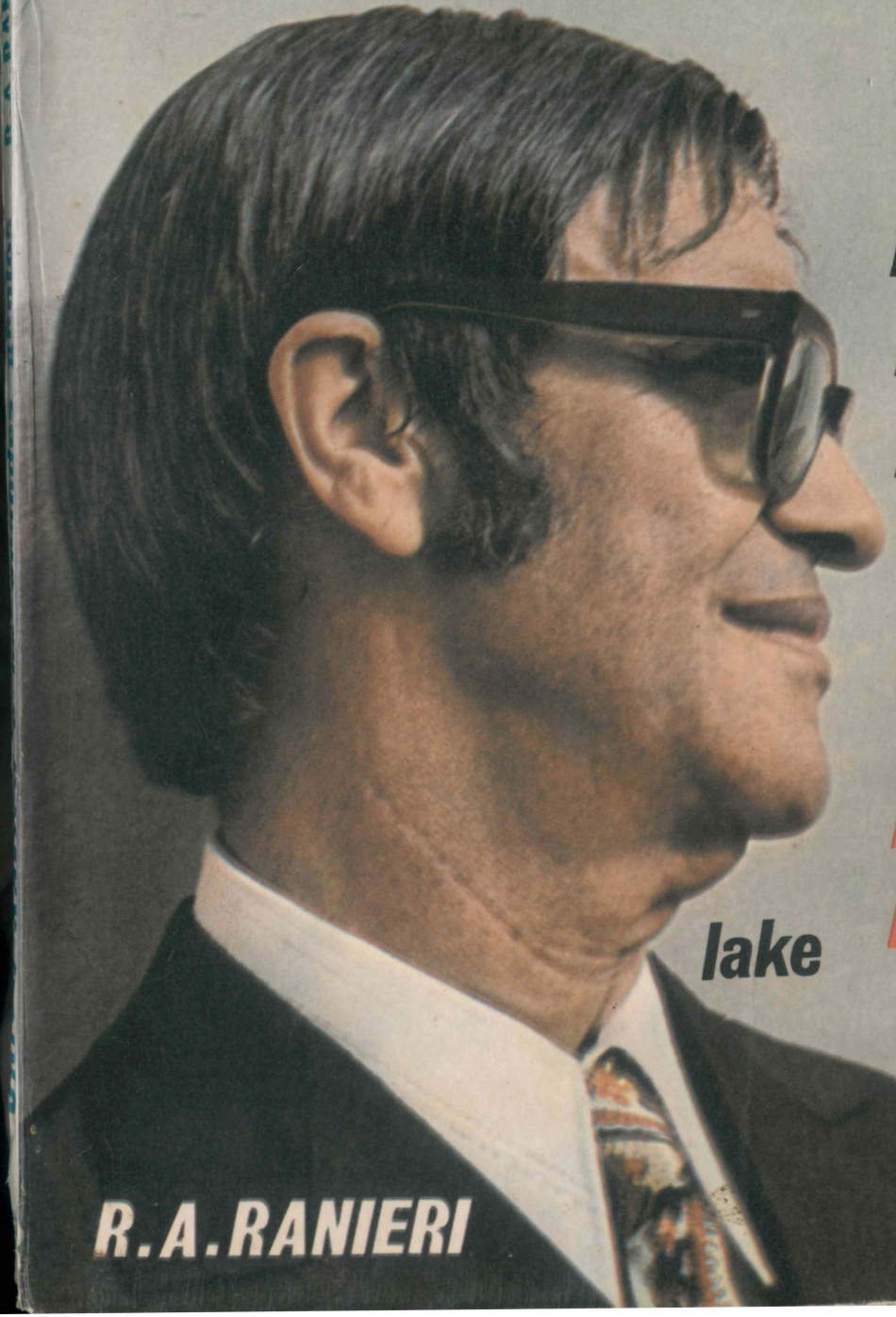
CHICO XAVIER E OS GRANDES GÊNIOS



R. A. RANIERI

lake

CHICO XAVIER E OS GRANDES GÊNIOS

R. A. Ranieri

Os grandes gênios da poesia luso-brasileira (dezesseis) são dissecados um a um pelo autor, que põe frente a frente o poeta-homem e o poeta-espírito.

No plano espiritual — com profunda repercussão terrena, principalmente em nosso país — o século XX tem excepcional realce graças à expansão da ciência e da tecnologia e dos subsídios espirituais trazidos pela explosão mediúnica de Francisco Cândido Xavier.

Chico Xavier devassa a grande sombra, trazendo-nos um acervo de cultura que até hoje somente tem similar nos Evangelhos e na própria Codificação de Allan Kardec.

CAPA: *Rob.* Foto obtida no festival Dr. Bezerra de Menezes, em Uberada (MG). privando da intimidade de Chico Xavier.

LIVRARIA PAPIRO
FONE 9154
TUPÃ

CHICO XAVIER E OS GRANDES GÊNIOS

12

R. A. RANIERI

CHICO XAVIER
E OS GRANDES GÊNIOS

Lake — Livraria Allan Kardec Editora Ltda.
R. Bom Pastor 1.155 — Fones: 63-2155 e 273-0666
Cx. Postal 15.190 — SÃO PAULO — BRASIL

1.a Edição — 1973

Capa: **Rob**, obtida próximo ao Natal de 1972, na residência de Chico Xavier.

Esta obra foi lançada em comemoração à **CIDADANIA PAULISTANA** oferecida ao médium FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER, em 19 de Maio de 1973, na cidade de SÃO PAULO, BRASIL

Direitos Autorais Reservados

CHICO XAVIER E OS GRANDES GÊNIOS

Este trabalho é o resultado das observações que durante algum tempo fizemos da obra poética recebida por Francisco Cândido Xavier.

São pequenos estudos de 16 dos grandes poetas brasileiros e portugueses que nos enviaram a sua mensagem do Mundo dos Espíritos.

Esperamos que seja um trabalho leve e diáfano, entendendo que as atribulações da vida moderna já não permitem mais ao homem comum se deter em massudos calhamaços, a fim de obter o conhecimento ou a informação. Fórmulas modernas de ensinar para os tempos modernos. Um pouco de cada vez, de maneira suave, acreditamos que ajuda mais do que muito de uma só vez, capaz de produzir indigestão.

Algumas notícias da vida dos poetas e apontamentos a respeito da personalidade, das lutas e do sofrimento de cada um.

Estudos comparativos próprios a fazer pensar.

E é pensando, raciocinando e meditando, que o homem chegará um dia à compreensão mais aproximada de Deus.

Esta obra faz parte de uma série de obras sobre Chico Xavier, que estamos escrevendo e publicando e das quais "Chico Xavier — O Santo dos Nossos Dias" foi a primeira.

A pedido da Editora Lake, elaboramos este trabalho com muito amor, certos de que toda obra de amor tem o seu lugar no mundo.

Que o leitor veja neste livro uma contribuição modesta mas leal para os seus estudos em torno de mediunidade, espiritualidade e imortalidade.

R.A.RANIERI

CHACARA PASTORAL, 9 de Dezembro de 1972

ÍNDICE

I — Antero do Quental/ 11
II — Antonio Nobre/ 18
III — Cruz e Souza/ 23
IV — Carmen Cinira/ 33
V — Fagundes Varela/ 38
VI — Augusto dos Anjos/ 43
VII — Cornélio Pires/ 48
VIII — Guerra Junqueiro/ 56
IX — Bocage/ 70
X — Olavo Bilac/ 79
XI — Casimiro de Abreu/ 87
XII — Hermes Fontes/ 96
XIII — João de Deus/ 110
XIV — Emilio de Menezes/ 117
XV — Raul de Leoni/ 127
XVI — Pedro de Alcântara/ 136
Endereço/ 146

I

Antero do Quental

O Parnaso de Além Túmulo sempre foi classificado como o primeiro livro de Francisco Cândido Xavier.

Quando foi publicado, em 1932, Chico tinha vinte e um anos. O livro fôra escrito, poema a poema, soneto a soneto, talvez sem o objetivo da parte do Chico de organizar um livro. Depois... foram reunidas as poesias e apareceu o livro.

A importância da página escrita por Chico Xavier, "Palavras Minhas", é inegável. Ali, abre o grande médium, praticamente ainda uma criança, porque era moço humilde e pobre de uma cidade do interior de onde nunca saira para as lutas das grandes metrópoles, o seu coração e a sua alma. Diz ele com singeleza: "Julgo que os meus atos perante a sociedade da minha terra, são expressões do pensamento de uma alma sincera e leal, que acima de tudo ama a verdade; e creio mesmo que todos os que me conhecem podem dar testemunho da minha vida repleta de árduas dificuldades e mesmo de sofrimento."

"Filho de um lar muito pobre, órfão de mãe aos cinco anos, tenho experimentado toda a classe de aborrecimentos na vida e não venho ao campo da publicidade para fazer um nome; porque a dor, há muito já me convenceu da inutilidade das bagatelas que são ainda estimadas neste mundo."

Ninguém melhor do que Chico para receber o pensamento espiritual do gênio da poesia portuguesa, Antero do Quental.

Em Antero, a dor atingiu o paroxismo. Era a dor do gênio enjaulado que o mundo não compreendia. Na explosão terrivel da inteligência fulgurante, acicatado pela dor, dominado por forças espirituais inferiores que o mundo desconhecia, Antero parte pela porta escura do suicídio.

Do outro lado da vida não encontra a paz que esperava e exclama pelo lapis de Chico Xavier:

À MORTE

Ó Morte, eu te adorei, como se fôras,
O Fim da sinuosa e negra estrada,
Onde habitasse a eterna paz do Nada
Às agonias desconsoladoras,

Eras tu a visão idolatrada
Que sorria na dor das minhas horas,
Visão de tristes faces cismadoras,
Nos crepes do Silêncio amortalhada.

Busquei-te, eu que trazia a alma já morta,
Escorraçada no padecimento,
Batendo alucinado à tua porta;

E escancaraste a porta escura e fria,
Por onde penetrei no Sofrimento,
Numa senda mais triste e mais sombria.

Chico, por sua vez, dos cinco anos aos vinte e um de idade, sentira a dor do mundo e compreendia que tudo não passava de bagatelas. Não buscaria a porta do suicídio mas guardaria no coração as dores que o acompanhariam por toda a vida.

Perdera a mãe aos cinco anos e ganhara u'a madrasta que o submetera às provas mais cruciantes. Pequeno ainda, castigava-o colocando garfos amarrados na barriga, de tal maneira que as pontas dos garfos lhe penetravam na carne. Ferido, acabavam se transformando em calos doloridos.

Certa ocasião, tendo o **filho da madrasta** uma ferida na perna, alguém dissera que se um cachorro lambesse a ferida esta sararia. A madrasta não teve duvidas. Chamou o Chico e mandou-o lamber a ferida.

Horrorizado, inicialmente, logo em seguida, com humildade, Chico se curvou para a perna repelente do garoto e lambeu-lhe a ferida. Por alguns dias foi o cachorro ensinado que lambeu a ferida do filho da madrasta.

Caixeirinho humilde de armazém, ganhando pouco, procurava, no entanto ler tudo o que encontrasse na ânsia de aprender e conhecer. Todavia, o pai, implacável, destruia-lhe os livros, que, na maioria das vezes eram obras emprestadas.

"Nunca pude aprender senão alguns rudimentos de aritmética, história e vernáculo, como o são, as lições das escolas primárias. É verdade que em casa, sempre estudei o que pude, mas meu pai era completamente avesso à minha vocação para as letras e muitas vezes tive o desprazer de ver os meus livros e revistas queimados." Afirma ele no Parnaso.

Através dos anos esses sofrimentos iriam se sublimando, mas, aqui e ali, encontraria sempre novas provas que vinham desafiar a sua compreensão e a sua bondade.

Clara, evidente, a afinidade com Antero do Quental. Apenas, um, tinha a turbilhonante cerebração do gênio e o outro, a mansidão e a sublimidade do Santo. Ambos, porém, se encontrariam na linha divisória, mas tênue e frágil que separa os dois mundos: o visivel e o invisível, como cortina diáfana, transparente, como uma simples cortina de sol.

Fácil seria a transmissão do pensamento e do sentimento de Antero através do cérebro espiritual de

Francisco Cândido Xavier. Os seus corações batiam uníssonos no ritmo inalterável da dor.

Mas ambos estavam preparados para firmar ao mundo a grandeza da imortalidade.

—oOo—

Ainda na Terra, escreveu Antero do Quental o belíssimo soneto **À VIRGEM SANTÍSSIMA:**

Num sonho todo feito de incerteza,
De noturna e indizivel ansiedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade,
Era outra luz, era outra suavidade
Que até nem sei se as há na natureza...

Um místico sofrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão celeste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Comparando-se este e outro soneto de Antero com aquele recebido pelo Chico e muitos outros que veem no **Parnaso** e em outras obras de Chico Xavier, verifica-se a existência do **mesmo clima poético.** O sentimento é o mesmo e a maneira de **dizer, a** mesma. É verdade que só os poetas e os amantes da poesia poderão, às vezes, perceber as nuances, o colorido, a neblina ou sol, a luz ou sombra que inunda os poemas, assim como ao ver um quadro, sem saber quem é o autor, exclamamos: este é um Van Gogh, este é um Rembrant, etc. etc.

O que se nota de extraordinário é que o estilo é mesmo, o clima interior do poema ou do soneto, o mesmo, **a marca,** a mesma, tudo é idêntico, mas **não há repetição** ou imitação de versos. Possuem a mesma sonoridade e cantam no mesmo tom, mas são absolutamente diferentes. O pensamento, a idéia, **a alma dos poemas** são completa e totalmente diferentes, mas o estilo é igual, é o mesmo. A profundeza do pensamento de Antero na cadência de seus versos imortais ressurgem em Chico Xavier com a mesma grandeza e imortalidade. Nós diríamos até que, algumas vezes, através do Chico, Antero é maior, mais belo, mais perfeito.

DEPOIS DA MORTE

Apenas dor no mundo inteiro eu via,
E tanto a vi, amarga e inconsolável,
Que num véu de tristeza impenetrável,
Multiplicava as dores que eu sofria.

Se vislumbrava o riso da alegria,
Fôra dessa amargura inalterável,
Êsse prazer só era decifravel
Sob a ilusão da eterna fantasia.

Ao meu olhar de triste e de descrente,
Olhar de pensador amargurado,
Só existia a dor, ela sòmente.

O gôzo era a mentira dum momento,
Os prazeres, o engano imaginado,
Para aumentar a mágoa e o sofrimento.

II

Misantropo da ciência enganadora,
Trazia em mim o anseio irresistível,
De conhecer o Deus indefinível,
Que era da dor, visão consoladora.

Não O via e, no entanto, em toda hora,
Nesse anêlo cruciante e intraduzível,
Podia ver, sentindo o Incognoscível,
E a sua onisciência criadora.

Mas os fátuos orgulhosos e a descrença,
Guiavam-me a existência desoladora;
Recamada de dor profunda e intensa;

Pela voz da vaidade, então eu cria,
Achar na morte a escuridão do Nada,
Nas vastidões da terra húmida e fria.

O Diário de S. Paulo de 31/10/71 publicou o soneto ALÉM DA MORTE, recebido por Chico Xavier e do Espírito de Quental.

ALÉM DA MORTE

Além da morte, além da sepultura,
Onde a Ciência encontrara a paz do nada,
Começa a luminosa e longa estrada
Que reconduz à vida eterna e pura.

Na carne é o pesadelo, a noite escura,
A fantasia e a luz abandonada.
Na alma liberta a santa madrugada,
Na alegria da nova semeadura.

Oh! viajores no inverno dos caminhos,
Aves cansadas dos terrestres ninhos,
Vencei as dores para bendizê-las...

Aguardai a Divina Primavera,
Que outra vida mais alta vós espera,
Entre as rotas sublimes das estrelas!

Sentimos nesses sonetos o pensamento do mais puro e melhor Antero. Alma voltada para as coisas do espírito, ele que vivera desesperado na terra. A consolação da imortalidade penetrara-lhe a alma como um sol luminoso, claro, após uma noite de terrível tempestade.

"Eu estarei convosco até o final dos tempos..." afirmou suavemente Jesus Cristo. E de fato está. Morto, buscando o Nada, encontrou Antero do Quental, do outro lado a imortalidade da alma e veio nos contar eufórico, o grande Encontro. Quantos poetas maravilhosos não estão retornando da imortalidade? Casimiro, Castro Alves, Olavo Bilac, Augusto dos Anjos...? Todos aqueles que nós julgavamos perdidos ressurgiram de novo, na grandeza da vida, pelo lápis mágico de Chico Xavier.

Eu estarei convosco até o final dos Tempos...

Essa é a promessa consoladora do Senhor.

No entanto, há muita gente desesperada e triste no mundo. Aqueles que perderam seus pais ou seus filhos e que os viram partir, quem sabe, muitas vezes, pelas portas do desastre violento ou do suicídio. Contudo, a presença deles no mundo, nos últimos tempos, já foi comprovada através da materialização dos espíritos, da comunicação espiritual por voz direta, da psicografia e até da fotografia.

Eu estarei convosco pelos séculos dos séculos... ecoa a voz eterna de Jesus Cristo na nave imensa do Universo.

II

Antonio Nobre

Antonio Nobre era um triste. E morreu talvez na tristeza. O seu estro caracterizou-se pela suprema simplicidade. Poeta natural. Cantava como os pássaros agrestes cantam na rusticidade do sertão. Lembra o colera do brejo. Seu canto é às vezes desataviado e as palavras saem-lhe umas após as outras sem grande pretensão.

Antonio Nobre era um triste. A tristeza derrama-se dos lábios com a tristeza dos infelizes que aceitam dolorosamente a vida. Não creio que sorrisse. E se o fizesse, seria apenas um pálido sorriso triste. Falando de seu livro "SÓ", exclama:

"... Tende cautela
Não vos faça mal...
Que é o livro mais triste
Que há
Em Portugal!"

Chico Xavier não é um triste, mas é um simples. Aí se encontra talvez a afinidade que o liga a Antonio Nobre. Além disso, o Chico segundo ele mesmo nos contou, há muitos anos, teve muitas reencarnações em Portugal e na Espanha. Disse até:

— Ranieri, você tem mais facilidade de **receber** espíritos europeus, franceses e ingleses, porque em outras vidas viveu no meio dos escritores franceses e ingleses, eu, porem, tenho mais facilidade de **receber** espíritos de lingua portuguesa ou espanhola, porque o meu **psiquismo** é português.

Creio, certamente, nessa afirmativa do Chico. Alma **quase** portuguesa pela repetição de muitas reencarnações, tem o cérebro espiritual marcado pela presença **ali** da lingua portuguesa, de suas expressões e de seu modo de ser. Por outro lado, Emmanuel, seu amigo e orientador Espiritual, teve encarnações em Portugal, já que numa delas foi nada mais nada menos que o Padre Manoel da Nobrega.

São fatos que para os que pouco entendem da Doutrina Espírita nada significam mas que para aqueles que nela se aprofundaram se tornam **reveladores.** Há sempre entre o médium e os espíritos laços de afinidade não perceptiveis à primeira vista. A mente do médium estará sempre funcionando na faixa vibratória de seus pensamentos habituais, mas às vezes é deslocada para o campo vibratório de outras encarnações, pela evocação subconsciente de fatos que remontam a um passado distante, o que pode ocorrer pela simples presença de um espírito que habitou países onde o médium em outros tempos também viveu.

Certa ocasião, conversavamos com Chico Xavier. O pensamento voava no galope das almas que se amavam cristãmente e falavamos com carinho e respeito das coisas do Reino de Deus.

Vinham à baila os assuntos espirituais que mais nos interessavam: imortalidade, materializações de Espíritos, Evangelho de Jesus, Emmanuel, reencarnações de alguns companheiros...

— Sabe, Ranieri, disse o Chico, de repente, — você tem muita facilidade para receber espíritos franceses e ingleses porque viveu noutros tempos, entre os escritores franceses. Eu tenho muita facilidade para receber espíritos de lingua portuguesa porque vivi entre os por-

tugueses e tive reencarnações na Espanha. O meu psiquismo é de lingua portuguesa.

Aí, eu compreendi uma série de problemas que não havia ainda compreendido antes...

É lógico, segundo dizem Emmanuel e André Luiz, "no espaço das nações mantem-se geralmente os espíritos com a mesma linguagem que possuiam na terra."

Chico afinou-se extraordinariamente com os poetas portugueses por isso. Outrora, viveu em Portugal e na Espanha, no palácio dos Reis.

A lira maravilhosa de Antonio Nobre haveria de penetrar-lhe a alma com a mesma pureza de sentimentos:

CONSOLAI

Si eu pudesse, diria eternamente
Aos flagelados e desiludidos,
Que sobre a Terra os grandes bens perdidos
São a posse da luz resplandecente.

A dor mais rude, a mágoa mais pungente,
Os soluços, os prantos, os gemidos,
Entre as almas são louros repartidos
Muito longe da Terra impenitente.

Oh! si eu pudesse, iria em altos brados
Libertar corações escravizados
Sob os guantes dos ódios mais profundos!

Mas dizei-lhes ó vós que estais na Terra,
Que a luz espiritual encerra
A ventura imortal dos outros mundos!

E vemo-lo também nas pequenas quadras simples e puras:

QUADRAS DE UM POETA MORTO

Corações não vos canseis
De bater... que importa lá?
Porque os amores fiéis
Nem a morte os vencerá.

Ó figuras de velhinhos
Que andais dormitando ao léu!
Como são belos os linhos
Que vos esperam no Céu!

Dizem que os mortos não voltam...
Voltam sim. E por que não?
Os corpos daí nos soltam,
Como as aves o alçapão.

Nem gritos e nem cantigas
Entre vós que à noite andais;
As almas das raparigas
Inda sonham nos choupais.

Nas grandes mansões da morte
Inda há romance e noivados,
Venturas da boa sorte,
Corações despedaçados.

Em vida terrestre escreveu Antonio Nobre:
Ó Sinos de **Santa Clara,**
Porquem dobrais, quem morreu?
Ah, foi-se a mais linda casa
Que houve debaixo do céu!

A sereia é muito arisca,
Pescador, que estás ao Sol;
Não cae, tolinho, a essa isca...
Só pondo uma flor no anzol!

A Lua é hóstia branquinha,
Onde está Nosso Senhor:
É d'uma certa família
Que não apanha bolor.

Vou encher a bilha e trago-a
Vasia como a levei!
Mondêgo qu'é da tua agora
Qu'é dos prantos que eu chorei?

Vê-se que o estilo é identico. Até os mesmos defeitos aparecem nos poemas recebidos pelo Chico. A simplicidade e a ingenuidade de Antonio Nobre ressurgem mediunicamente com grande intensidade e com o mesmo sabor de água fresca que corre da fonte.

— É só porque o mundo zomba
Que pões çuto? Importa lá...
Antes te vistas de pomba...
— Pombas pretas também há!

Comparemos com a primeira quadra do poema "Quadras de um Poeta Morto", inserta no **Parnaso:**

Coração não vos canseis
De bater... que importa lá?
Porque os amores fiéis
Nem a morte os vencerá!

É lógico que **quase** somente os poetas possam **perceber bem** o sabor do estilo, a maneira de pensar e o modo de dizer. Mas no caso, a simplicidade do poeta é tanta que apenas lendo um poema e o outro se verá cristalinamente a presença do mesmo autor.

Os olhos e os ouvidos cheios de harmonia dos poetas é que poderão atingir a profundeza e a beleza dos versos de Antonio Nobre.

III

Cruz e Souza

Há em Cruz e Souza a angústia de viver. O negrinho de Desterro, capital antiga de Sta. Catarina, haveria de ser o poeta angustiado de nossa raça. Não seria como Castro Alves — poeta e herói, mas seria apenas uma grande sombra, majestática, perpassando sobre o mundo da poesia.

Nele, há angústia, muita angústia, imenso sofrimento. Não poderia deixar de ser assim. Escravo alforriado, preto mais preto que a asa da grauna. Mal recebido por todos, pois mal saira da escravidão. Dificilmente, venceria as barreiras do meio em que vivia. Pobre e como pobre, humilde; mas também gênio, e, como gênio, orgulhoso.

Contra ele, o mundo.
Contra o mundo inteiro, ele mesmo.
Jamais se conformaria.

Waldo Vieira recebeu o soneto transmitido pelo espírito de Cruz e Souza:

NAS VERTIGENS DA VISÃO

Vândalo audaz, herói das cimitarras,
Vi-me à frente de guerras carniceiras,
Fulvo tropel de heráldicas bandeiras,
Rios de sangue, lúbricas fanfarras.

Largas legiões famélicas, bizarras;
Lama, lodo, letíficas trincheiras,
Barbaro louro em asas condoreiras,
Era o abutre da morte, inflando as garras.

Finda a pompa na clâmide funérea,
Volvo ao cárcere estreito da matéria,
Preso ao ventre cativo em mar de abrolhos.

Tântalo reencarnado entre os vencidos,
Pago os troféus de torvos tempos idos,
Com lágrimas flamívomas nos olhos.

Nesse soneto transmitido do Mundo Espiritual pelo Poeta Negro, nota-se a informação de que foi "Vândalo audaz, herói das cimitarras" e em seguida afirma: "Bárbaro louro em asas condoreiras."

É claro, que em seu inconsciente trazia Cruz e Souza — Homem, as reminiscências de outras vidas, e, nesta, deveria se sentir prisioneiro envolto na túnica negra de carne. Ele que fora o herói e o bárbaro louro, era agora o escravo mal saido da escravidão, preso nas garras de si mesmo, acorrentado dentro do próprio corpo sem poder gritar ao mundo, a plenos pulmões, que ele que ali estava, em outras eras a todos afrontara ao som terrível do tropel de seus cavalos velozes como o vento!

Chico Xavier, moreno de olhos semi-cegos, ostentando na face a humildade mesma de alguem que em outras vidas foi escravo ou sentiu de perto a dor da escravidão, recebeu o poeta Cruz e Souza. Espírito que vem atravessando os milênios batido pelas grandes tempestades, haveria o Poeta Negro de tanger com o pensamento magistral a harpa humana de Chico Xavier.

QUANTA VEZ

Quanta vez eu fitei essas fronteiras,
Horizontes, estrelas, firmamentos,
Presa de sonhos e estremecimentos
De esperança, nas horas derradeiras!...

Ah! meus longínquos arrebatamentos,
Amarguras e dores e canseiras,
Que vos fostes nas lágrimas ligeiras
Como folhas levadas pelos ventos...

Quanta vez, abafando os meus soluços,
Como o errado viajor que cai de bruços
Sobre a íngreme estrada da agonia,

Ensináveis-me a ler a bíblia santa
Nesta vida imortal que se levanta
Numa alvorada eterna de alegria!

E mais este:

GLÓRIA DA DOR

Para aquém dessas cruzes esquecidas
Nas sepulturas ermas e desertas,
Há o turbilhão frenético das vidas
Sobre as estradas asperas, incertas...

Inda há sânie das úlceras abertas
No coração das almas combalidas,
Gozadores de outrora entre as refertas
Das ilusões que tombam fenecidas.

Só uma glória mirífica perdura
Concretizando os sonhos da criatura
Cheia de crenças e de cicatrizes:

É o triunfo da Dor que aperfeiçoa,
Luminosa e divina, humilde e boa,
Glória da Dor que é pão dos infelizes.

O tom e os versos têm a mesma maneira de ser e os sentimentos de Cruz e Souza. O Espírito Imortal de Cruz e Souza retorna através dos tempos para dizer com a mesma linguagem dos sofrimentos e das dores da alma humana.

Vejamos, pois, o soneto escrito por ele em vida terrestre:

"Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
Ó ser humilde entre os humildes sêres.
Embriagado, tonto dos prazeres,
O mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro
A vida prêsa a trágicos deveres,
E chegaste ao saber de altos saberes
Tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
Magoado, oculto e aterrador, secreto,
Que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços
E o teu suspiro como foi profundo!"

Há nesses sonetos, **os espirituais** e os da vida material, o mesmo sentimento de dor, a mesma revolta incontida da escravidão, apenas os que o espírito elaborou demonstram menos revolta e mais espiritualização ou conformação.

Nos últimos dias de sua existência, escreveu Cruz e Souza o soneto "Renascimento!":

"A alma não fica internamente morta!
Vagas ressurreições do sentimento
Abrem já, devagar, porta por porta,
Os palácios reais do Encantamento!

Morrer! Findar! Desfalecer! que importa
Para o secreto e fundo movimento
Que a alma transporta, sublimiza e exhorta
Ao Grande Bem do Grande Pensamento!

Chamas novas e belas vão raiando,
Vão se ascendendo os límpidos altares
E as almas vão sorrindo e vão orando...

E pela curva dos longínquos ares
Ei-las que Vêm, como imprevisto bando
Dos albatrozes dos estranhos mares..."
E outro:

SONETO

Nos labirintos dessa eternidade
Que nós vivemos luminosa e pura,
A alma vive na intérmina procura
Do filão de ouro da felicidade.

Quanto mais sofre tanto mais se apura
No pensamento excelso da Verdade,
Vendo na auréola da Imortalidade,
A alvorada risonha da ventura,

E ao fim de cada noite tormentosa
Que é a existência na prova dolorosa,
Canta e vibra num dia de bonança.

Em torno da Verdade a alma gravita
Buscando a Perfeição pura, infinita,
Nessa jornada eterna da Esperança.

Este último soneto vem no "Parnaso de Além Túmulo", de Chico Xavier e parece na realidade uma continuação do outro.

—oOo—

A exaltação de Cruz e Souza torna a ressurgir. Aquela alma feita de tristeza e de esperança, de sonhos e claridades, de neblina e de sol, olhos voltados para o Infinito, desfere de novo o seu canto, forte, deslumbrante, vigoroso, Canto de Imortalidade e de amor!

—oOo—

Os fenômenos da Imortalidade têm sido provados através dos tempos por homens respeitáveis, cientistas e sábios, assim como por experimentadores sinceros em todo o mundo.

Espíritos que se materializam para nos demonstrar a sua existência após a morte. Assim, ouvimos falar de um Willian Crookes, de um Gustavo Geley, de um Aksakof, de um Ochorowicz, de um Paul Gibier, de um Camilo Flammarion, de um Charles Richet...

Todos eles voltados para a investigação daquilo que os homens chamaram **de desconhecido.** Grandes médiuns de materialização surgiram no mundo e deram a sua colaboração para se comprovar a presença espiritual em toda a parte. No Norte do Brasil, surgiu Ana Prado, médium notável que possibilitou as materializações de espíritos numa época em que o homem ainda recalcitrava. Nos tempos modernos tivemos a mediunidade extraordinária de Francisco Peixoto Lins, **"Peixotinho"**, que permitiu a materialização dos Espíritos de Emmanuel, André Luiz, Scheilla, Heleninha, José Grosso, Maria João de Deus, Fritz, e outros, muitos outros... E mais modernamente ainda tivemos a mediunidade de Enio Wendling, em Minas Gerais, que possibilitou a vinda materializado em nosso plano, entre outros notáveis e numerosos espíritos, o de Allan Kardec, Codificador da Doutrina Espírita, materializado em Belo Horizonte em 1951...

Os médiuns estrangeiros são incontáveis: Madame d'Esperance, Home, Eusápia, Slade, Egligton, etc. etc.

Todos extraordinários. Difícil dizer o que contribuiu mais. Cada um de u'a maneira um pouco diferente do outro, mas todos confirmando sempre a imortalidade da alma.

Moldes de parafina, dos pés, das mãos, do rosto, da cabeça dos espíritos...

Vozes dos espíritos.

Vozes dos espíritos exatamente como eram na terra.

Retratos dos espíritos.

Sinais e levantamento de objetos pelos espíritos.

Materializações dos espíritos.

Luzes que vêm do infinito e ilumina as reuniões.

Imortalidade. Esperança. Fé. Caridade. Amor. Luz. Libertação.

Isso trazem eles do Plano Espiritual para as trevas da Terra.

Esforçam-se para fazer ver às criaturas que a morte só existe como transformação **porque nada se cria e nada se perde na natureza, tudo se transforma,** na palavra sábia e terna de Lavoisier.

A ressurreição total do poeta para nós só pode se fazer através da composição de poemas que os identifiquem. Já dizia o velho Albalat que o **estilo é o homem.**

A marca inconfundível dos Grandes Poetas está no seu estilo inconfundível. Pode-se imitar um gênio e talvez até dois, mas três, quatro, dez, vinte, quarenta, centenas, não!

Chico, mediunizado, reproduz o estilo de centenas de escritores. Fantástico!!

Em prosa e em verso. Ora é Bilac, ora é Rui Barbosa, ora é Arco Verde, ora é Augusto dos Anjos, ora é Humberto de Campos. E todos ressurgem de corpo inteiro, como eram em vida, com a mesma inteligencia, pensamento, e emoção. As imagens literárias são do gosto que possuiam em vida embora nem sempre sejam as mesmas. E isso acontece com freqüência após duas ou três horas de psicografia, recebendo o médium,

em público, centenas de receitas, depois de ter atendido conversando um pouco com cada uma, cerca de mil ou mais pessoas.

Cansado e com fome...

No fim da reunião, pelo lápis do Chico, vão surgindo as mensagens consoladoras e os poemas imortais.

ANJOS DA PAZ

Ó luminosas formas alvadias
Que desceis dos espaços constelados,
Para lenir a dôr dos desgraçados
Que sofrem nas terrenas gemonias!

Vindes de ignotas luzes erradias,
De lindos firmamentos estrelados,
Céus distantes que vemos, dominados
De esperanças, anseios e alegrias.

Anjos da Paz, radiosas formas claras,
Doces visões de etéricos carraras
De que o espaço fúlgido se estrela!...

Clarificai as noites mais escuras,
Que pesam sobre a terra de amarguras,
Com a alvorada da Paz, ditosa e bela...

(Cruz e Souza)

SOMBRA E LUZ

Vem a noite, volta o dia,
Cresce o broto, nasce a flor,
Vai a dor, surge a alegria
Dourando a manhã do Amor.

Assim, depois da amargura
Que a vida terrena traz,
A alma encontra a Altura
A luz, a ventura, a paz.

(Casimiro Cunha)

EU MESMO

Eu mesmo estou a ignorar se posso
Chamar-me ainda o Emilio de Menezes,
Procurando tomar o tempo vosso,
Recitando epigramas descorteses.

Como hei de versejar? Rimas em osso
São difíceis... contudo, de outras vezes,
Eu sabia rezar o Padre Nosso
E unir meus versos como irmãos siameses.

Como hei de aparecer? O que é impossivel
É ser um santarrão inconcebível,
Trazendo as luzes do Evangelho às gentes...

Sou o Emilio distante da garrafa,
Mas, que não se entristece e nem se abafa,
Longe das anedotas indecentes.

(Emilio de Menezes)

ETERNA VÍTIMA

Na silenciosa paz do cimo do Calvário
Ainda se vê na cruz o Cristo solitário.

Vinte séculos de dôr, de pranto e de agonia,
Represam-se no olhar do Filho de Maria.

Abandonado e só na aridez da colina,
Sofre infindo martírio a vítima divina;

.....
.....
.....

E o Mestre da bondade, o anio da virtude,
Extende o seu perdão cheio de mansuetude.

———

E do cimo da cruz, calmo e silencioso,
Consola a multidão com o seu olhar piedoso.

(Guerra Junqueiro)

Como se vê, após a labuta de todo um dia, e o trabalho intenso que atravessa a noite, Chico Xavier recebe poemas de estilos tão diferentes como esses que ressuscitam os gênios da literatura brasileira e portuguesa.

A força oculta que o domina nessas horas só os iniciados podem entender.

Na realidade, os espíritos estão à nossa volta, conosco e em nós. Acompanham-nos a luta, o sofrimento e a dor de cada dia, e os bons procuram nos conduzir para o caminho do bem, da verdade e do amor.

Vândalo audaz, heroi das cimitarras,
Vi-me à frente de guerras carniceiras.
.....
Era o abutre da morte, inflando as garras,
Bárbaro louro em asas condoreiras.

Assim exclamou Cruz e Souza, o poeta negro que morreu na tuberculose e na paz dos bons e dos justos, mas que trazia de outras vidas a ilusão das lutas heroicas, nos olhos azuis, que ainda brilhavam mergulhados no passado distante. Em Chico, todos ressurgem para a Glória do Terceiro Milênio.

IV

Carmen Cinira

Humberto de Campos chamou Carmen Cinira de **A Cigarra Cantadeira**. Chamou bem. Carmen Cinira cantou com sua voz suave os cânticos da dor humana.

Pois bem, após a sua morte, muito tempo depois, Chico Xavier, na simplicidade de seu coração e de sua alma, passou a receber os versos imortais da Cigarra Cantadeira. Alma sensível e pura, a Cigarra voltou a cantar pelo lápis mágico de Chico Xavier na maviosidade de seu canto que lembra o azulão cantando no fundo das matas ao cair da tarde.

Sol posto, antes que o crepúsculo domine a terra, ei-lo o pássaro que chora na toada triste de sua canção. Assim também Carmen Cinira. Triste e pura, suave e doce vai desfilando os seus versos pela mão do moço pobre de Pedro Leopoldo.

Não mais agora falando do sofrimento humano sem remédio, mas, ao contrário, exaltando a glória divina da imortalidade.

AOS ESPÍRITOS CONSOLADORES

Donde éreis vós, ó formas imprecisas
De arcanjos tutelares,
Cujas vozes suaves como brisas
Trouxeram-me nas dôres

Do auge no meu sofrer, nos meus penares,
A irradiação de um brando refrigério?!...

Frontes aureoladas de esplendores,
Seres cheios de amor e de mistério,
Cujas mãos compassivas
Ungiram meu coração resignado
Com o bâlsamo do olvido do passado,
E com os místicos olores
Das meigas sempre-vivas
Da fé mais luminosa e mais ardente...

Seríeis o fantasma imaginário
Da mórbida exaltação dalma do crente?
Não, porque sois os cirineus piedosos
Dos que vão em demanda do Calvário
Da Redenção, nos sofrimentos rudes;
Vindes das mais remotas altitudes
De sublimados mundos luminosos!...

Seres do Amor, jamais traduziria
O cântico de luz
Que trouxestes ao leito da agonia
Que eu transpús
Cheia de desenganos e gemidos!...
Verto ainda os meus prantos comovidos
Lembrando-me do vosso Stradivárius,
Repetindo as cadências dos hinários
Dos orbes da Ventura e da Harmonia,
Onde habitais, glorificando o Amor
Que dalma faz um ninho de alegria
E um foco de esplendor!

Em que sol deslumbrante, em qual esfera
Viveis a vossa eterna primavera?
Ó irmãos consoladores,
Que vindes confortar os pecadores
Penitentes da vida transitória,

Dai-me um pouco de luz da vossa glória,
Estendei-me uma única migalha
Da vossa paz, que nutre e que agasalha
Os corações iguais ao meu!...

Tenho sede do amor que enfeita o Céu!
Espíritos da luz radiosa e infinda,
Minhalma é fraca, humilde e pobre ainda;
Todavia, imortal,
Quero ter dessa luz resplandecente,
E quero embriagar-me inteiramente
Com os vinhos da alegria celestial.
E a cigarra cantadeira continua cantando:

MINHA LUZ

Por tudo eu te bendigo ó Dor depuradora,
Porque representaste em meu destino
De alma sofredora,
O fanal peregrino
Que me guiou constantemente,
Através das estradas espinhosas
Para as manhãs radiosas
Da Luz Resplandecente...

Sê, pois, bendita ó Dôr, linda e gloriosa,
Pois da volúpia estranha dos teus braços,
Vim pelas mãos da morte complacente
Para a vida sublime dos espaços!...

Entre os poemas, hoje raros, de Carmen Cinira, quando viva na Terra, encontramos com muita dificuldade, esses que transcrevemos:

DESASSOMBRAMENTO

Que me aguarde, por pena, os mais triste dos fados
E clamores hostis me sigam pela vida,
que floresçam vulcões nos montes sossegados
e trema de revolta a Terra adormecida.

Que se ergam contra mim os sêres indignados
como um quadro dantesco em fúria desmedida,
e que, na própria altura, os astros deslocados
rolem numa sinistra e tremenda descida...

Hei de ser tua um dia e ofertar-te, sem pejo,
Vibrante, ébria de amor, à chama do teu beijo,
esta alma virginal que há tanto assim te espera...

E então hei de sentir vaidosa, intensamente,
desabrochar em mim, num delirio crescente
o instinto de mulher em ânsias de pantera!

A poetisa de "Sensibilidade", a mística de tantos versos imortais, haveria é lógico, de ressurgir na imortalidade, compondo através de Chico Xavier, versos aos sofredores, ela que sofreu tanto.

Todavia, vejamos outro soneto.

INCANSÁVEL

Velho sonho de amor que me fascina.
Causa das mágoas que me têm pungido
e que, no entanto, conservo na retina
como a fonte dum bem inatingido...

Flama velada, cântico em surdina
de um'alma triste, um coração ferido,
nem pode haver linguagem que defina
o que eu tenho, em silêncio, padecido!

Mas, ainda que mal recompensado
Meu amor há de sempre desculpar-te
humilde, carinhoso, devotado...

Bendito seja o dia em que te vi,
pois não há maior glória do que amar-te
nem melhor gôzo que sofrer por ti!

Carmen Cinira, a Cigarra Cantadeira de Humberto de Campos, continua cantando espiritualmente para o Brasil, não só através de Chico Xavier, como também de outros médiuns e a sua palavra rola em versos de profunda beleza. Há nela uma doçura infinita. Hoje seus versos estão iluminados pelos raios de sol de uma vida maior e mais pura, mais perfeita e mais bela. Carmen, a pobre Carmen de olhar desfalecente dos últimos dias, enferma para o mundo, ressurgiu na Ressurreição dos Vivos, não dos Mortos, como estão ressurgindo todos os poetas, porque ninguém morre. Tudo vive e se transforma na eterna mutação dos seres e das coisas. Ressurgimos de nós mesmos na herança gloriosa da Imortalidade.

V

Fagundes Varela

O poeta louro do **Evangelho na Selva** e de **O Cântico do Calvário** era uma harpa versatil que cantava os seus poemas em qualquer estilo. Por isso mesmo, talvez, não se tenha tornado maior do que é.

Castro Alves considerava-o o maior poeta do Brasil. Embora para nós seja Castro Alves mesmo o maior poeta brasileiro. É que ambos, de alguma forma, afinaram a sua lira com as de Hugo e Byron. Ei-lo que exclama no "Parnaso":

IMORTALIDADE (Trecho)

Senhor! Senhor! que os verbos luminosos
Do amor, da perfeição, da liberdade,
Inflamem minhas vozes neste instante!
Que o meu grito bem alto se levante,
Conduzindo a mensagem benfazeja
Das esperanças para a Humanidade!

Aos trinta e quatro anos deixava o mundo. Esses versos que são apenas o início de um grande poema recebido por Chico Xavier e que vêm no **Parnaso de Além Túmulo** reproduzem na verdade o estilo sonoro e profundo de Fagundes Varela no Evangelho das Selvas e lembra impressionantemente a voz potente que modula o Cântico do Calvário. Alma sensível, coração puro, chorara ele a morte do filho amado:

Eras na vida a pomba predileta
Que um ramo de esperança conduzias!
Eras a messe de um doirado estio!
Teto — caiste! — Crença já não vives!

Profundamente atingido em seus sentimentos de pai, andou pelas raias da descrença. No entanto, ressurge em Chico Xavier com aquela força do princípio.

De fato, nunca tivemos notícia de poeta brasileiro que não acreditasse em Deus.

Só o estranho Omar Kahyan, poeta persa, é que ousou desafiar a Existência Divina e mais alguns poetas estrangeiros. Os nossos, se disseram alguma coisa, foi sempre "pose" e "blague". A divindade vive em nós, em nossa alma e em nosso sangue. Deus é o ponto fixo de nossa mentalização permanente.

Herdeiros, de alguma forma, do povo Judeu, cremos firmemente no Deus Único.

Quando morreu o filho, aquela grande alma de artista que foi Fagundes Varela ergueu um grito de angústia e sofrimento, como nunca mais se escreveu em nossa lingua, a não ser em "As Vozes d'África".

"Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzias
O ramo da esperança!... eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro!...
Eras a messe de um dourado estio!...
Eras o idílio de um amor sublime!...
Eras a glória, a inspiração, a pátria,
O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,
Pomba — varou-te a flecha do destino!
Astro — enguliu-te o temporal da noite!
Teto — caiste! Crença — já não vives!"

No entanto, vemos que o poeta na imortalidade através de Chico Xavier reencontra Deus e a tranqüilidade espiritual. Ele que na Terra cantara o apóstolo Anchieta em sua luta na Selva para introduzir as luzes do Evangelho ali onde o Brasil nascia, no outro lado da Vida, se deslumbra com a visão de Deus.

IMORTALIDADE (Trecho)

Senhor! Senhor! que paire sobre o mundo
A luz do teu poder inigualável,
Que os lírios te saúdem perfumando
Os arrebóis, as noites, as auroras;
Hinos de amor que os pássaros te elevem
Dos seus ninhos de plácida harmonia;
Que as fontes no seu doce murmúrio

Te bendigam com terna suavidade;
Que todo o ser no mundo se descubra
Perante tua excelsa majestade,
Saturado do amor onipotente
Que promana abundante do teu seio!...

Senhor! que a minha voz altissonante
Se propague entre os homens, que a verdade
Resplandeça na terra da amargura!
.....

e termina, após longa viagem através da palavra sonora e forte:

Senhor! Senhor, que a minha voz se estenda,
Como um canto sublime de esperança
Sobre a fronte de todos quantos sofrem,
Ansiando mais luz, mais liberdade
No orbe da expiação e da impiedade!

Ora, o estilo é o mesmo de Fagundes Varela, o estilo e o sentimento, as idéias e a majestade do verso.

Chico recebeu-o com aquela facilidade de sempre. Ambos versáteis e capazes de se entenderem. As almas sofredoras, como grandes aves, buscam o Chico sequiosas de transmitirem uma palavra à terra dos homens e quase sempre o fazem.

As grandes almas se unem sempre no amor ou na desgraça.

—oOo—

Fagundes Varela viveu grande parte de sua vida na região carioca do Vale do Paraíba. À margem do grande rio que representa parte da colonização brasileira. Vassouras acolheu-o e Angra dos Reis sentiu sua presença.

Sofreu muito em Angra dos Reis. Sofreu a ingratidão do povo açulado por figuras locais incapazes de compreendê-lo. Andou vagabundo pelas matas, evidentemente, sonhando o seu poema imortal. Filho da Natureza buscou nela a vibração que pudesse sustentá-lo e fortalecê-lo. Horas de agonia e de tristeza encontraram-no em Angra dos Reis. Sua grande sombra, no entanto, se projetou sobre o Brasil inteiro.

—oOo—

É interessante notar que a volta ao Mundo Espiritual não melhora muito o espírito mas também se pode observar que os que **são bons** se apresentam melhores depois da morte, e os que são máus aparecem piores. É lógico que pode não ser regra geral, mas é mais ou menos comum. Varela neste mundo foi uma alma boa, voltado para o amor da mulher e do filho e com o coração aberto a toda a humanidade. Indiferente à vida de uma certa forma, o seu grande mal. Seu Espírito, porém, estava sempre cheio dos sentimentos do Evangelho. Águia, assim que pode, voou para a montanha luminosa das coisas do Cristo. A Lira de Varela, por estranho que

pareça, é mais liberta da influência Hugoana e Byroniana que a de outros poetas românticos brasileiros, entre eles Castro Alves, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu. Tinha longas asas, claras, espalmadas, capazes de alcançar grandes altitudes. A embriaguês é que tirou em parte a respeitabilidade. Se não fosse isso, cremos, teria se instalado no trono dos reis da poesia. Era grande, imenso... Chico captou-lhe a grandeza e a fulgurante imortalidade.

Senhor! Senhor! que os verbos luminosos
Do amor, da perfeição, da liberdade,
Inflamem minhas vozes neste instante!

VI

Augusto dos Anjos

O Poeta do "EU" tem contribuido extraordinariamente no campo mediúnico com seus poemas imortais. Poeta de estro difícil, Augusto dos Anjos permanece o gênio inatingido na sua especialidade. Chico Xavier recebeu-o com amor.

Conta o Chico que no começo de sua mediunidade, trabalhava como caixeiro num armazém de Pedro Leopoldo e, após o serviço, à tardinha, cabia-lhe ainda a tarefa de aguar uma gleba plantada de alho que havia atraz do armazem. Era com alegria que fazia o serviço de molhar as plantas todos os dias. Ali, vinham os espíritos e conversavam com ele e lhe falavam de luzes, de cores, e de ciência complicada que ele não entendia. De estrelas, de céus, de galáxias, de átomos, de esferas... Augusto dos Anjos, então, lhe aparecia na plantação de alho e lhe transmitia os poemas. Chico não conseguia apreender-lhe todo o pensamento, mas se esforçava e ia recebendo os poemas que podia. Augusto lhe dizia:

— Chico, infelizmente, você tem uma cabeça muito dura e não pode receber tudo...

Chico afirma:

— A verdade é essa, minha cabeça não dava e só recebi o que podia receber mas muita coisa se perdeu...

Depois que recebia os poemas, muitos lhe perguntavam o que era isto ou aquilo, já que as palavras de Augusto dos Anjos eram muito difíceis.

— Como iria eu saber, eu que estava ali apenas para aguar o alho?

Vê-se aí a simplicidade do Chico, e a grandeza de Augusto que evidentemente reproduzia o seu **estilo** com a única finalidade de demonstrar aos homens a imortalidade da alma. Mas acontece que os poemas de Augusto dos Anjos recebidos pelo Chico, como disse Agripino Grieco, **são o mais perfeito Augusto dos Anjos.**

A identidade do estilo é impressionante e a agudeza do sentimento. Chico muitas vezes recorreu ao dicionário para saber que palavras eram aquelas que sua mão inconscientemente escrevia.

No pequeno grupo de trabalhos iniciais ninguem sabia nada e eram todos criaturas simples e humildes de mãos calejadas no trabalho árduo e duro do dia a dia.

Contudo, corações abertos à Luz Espiritual. Lembravam, por certo, os primeiros apóstolos do Cristo, que eram homens de poucas letras, mas cujo coração imenso servia de ligação entre este mundo e o Reino de Deus.

Vejamos Augusto pelo Chico em "Vozes de Uma Sombra":

Donde venho? Das éras remotíssimas,
Das substâncias elementaríssimas,
Emergindo das cósmicas matérias.
Venho dos invisíveis protozoários,
Da confusão dos seres embrionários,
Das células primevas, das bactérias.

Venho da fonte eterna das origens,
No turbilhão de todas as vertigens,
Em mil transmutações, fundas e enormes;
Do silêncio da mônada invisível,
De tetro e fundo abismo, negro e horrível,
Vitalizando corpos multiformes.

Sei que evolví e sei que sou oriundo
Do trabalho telúrico do mundo,
Da Terra no vultoso e imenso abdômen;
Sofri, desde as intensas torpitudes,
Das larvas microscópicas e rudes,
À infinita desgraça de ser homem.

Na Terra apenas fui terrível presa,
Simbiose da dor e da tristeza
Durante penosíssimos minutos;
A dor, essa tirânica incendiária,
Abati-me a vida solitária,
Como se eu fora bruto entre os mais brutos.

E eis Augusto dos Anjos em "Monológo de Uma sombra", quando ainda em carne na Terra:

Sou uma sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das moneras...
Polipo de recônditas reintrâncias,
Larva do caos telúrico, procedo,
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de tôdas as substâncias!

A simbiose das coisas me equilibra.
Em minha ignota mônada, ampla, vibra.
A alma dos movimentos rotatórios...
E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saude das fôrças subterraneas
E a morbidez dos sêres ilusórios!

Pairando acima dos mundanos tetos,
Não conheço o acidente de Senectus
Esta universitária sanguesuga
Que produz, sem dispêndio algum de virus,
O amarelecimento do papirus
E a miséria anatômica da ruga!

Vê-se a identidade de estilo que não só vem da intimidade mesma do poema, do saber, do colorido, do modo, de dizer, mas também da escolha das palavras. É o mesmo poeta que está escrevendo. Não são os mesmos versos, mas o estilo é o mesmo. Nenhum poeta foge à sua maneira pessoal de dizer.

Augusto dos Anjos mais do que ninguém é inconfundível. As tônicas em seus versos são diferentes de tudo o que já se escreveu em lingua portuguesa.

Diz ele mediùnicamente por Chico Xavier:

NÚMERO INFINITO

Sistoles e diástoles derradeiras
No hirto peito, rígido e gelado;
E eu via o Último Número extenuado,
Estertorando sôbre as montureiras.

Interregno. Escuridão, ânsia e inferneiras:
Depois o ar, o oxigênio eterizado,
E depois do oxigênio o ilimitado,
Resplendente clarão de horas primeiras.

Busquei a última visão das vistas foscas,
O Derradeiro Número entre as moscas,
À camada telúrica adstrito;

E eu, vítima dútil da desgraça,
Vi que cada minuto que se passa
E depois do oxigênio o ilimitado,

Sente-se aí o Augusto do o "EU". Poeta triste, cuja filosofia de profundidade, a princípio parece-nos materialista e desiludida, mas que pouco a pouco nos revela atraz disso, uma ânsia de espiritualidade.

Doente, desesperado, quase um fantasma, viu a vida com óculos escuros e volta através de Chico falando

pela mesma linguagem, agora, porém, plena de imortalidade.

Sabemos da existência de cenáculos **quase literários** instalados no mundo espiritual, onde convivem os espíritos dos poetas e escritores de todo o mundo. Provavelmente, lá Augusto dos Anjos ainda exiba a sua roupa preta, o seu terno, como muitos poetas, e não a túnica dos anjos, porque alcançar a angelitude é jornada para milênios. Todavia, o espírito está sempre evoluindo e lutando para conquistar maior evolução. Acreditamos que a maioria dos poetas que estamos estudando ou que vamos estudar estejam nesta posição, com exceção de Bittencourt Sampaio.

Conta Chico Xavier que certa ocasião viu de longe uma belíssima estrela que se aproximava. Como Emmanuel estivesse perto, perguntou-lhe:

Que estrela é aquela lá?

Observe que ela não está parada, disse Emmanuel, e vem ao nosso encontro.

A estrela brilhava muito, intensamente.

Chico ficou olhando e viu que ela crescia e se aproximava cada vez mais.

Não demorou e ela desceu entre eles.

Os braços e as pernas formavam quatro ráios da estrela e a cabeça o quinto ráio.

Era Bittencourt Sampaio.

Poucos são os espíritos que conquistam essa condição.

Augusto ainda não está assim, admitimos, e voltará, provavelmente em futuro próximo a reencarnar na Terra.

Nós o esperamos.

Agora, ele, como nós, está entregue à luta pela libertação do pensamento humano escravizado no mundo.

VII

Cornélio Pires

Conheci Cornelio Pires. Conheci pessoalmente.

Quando menino, era um prazer para nós a publicação de um livro novo de Cornelio Pires. O humorista estava no auge de sua glória e onde chegava era sempre saudado com alegria. Suas piadas e os seus casos corriam de boca em boca, repetidos, glosados, como uma torrente maravilhosa que ajudasse as criaturas a viverem alegremente. Grande contribuição, na época, para a felicidade do povo!

O prosador interessante de Joaquim Bentinho entrava sorrateiramente através das horas de leitura e não sabia mais de nossas vidas. Só conhecia o prosador. Anos depois, nós eramos delegado de Polícia em Aguas da Prata. Moravamos num hotel e a vida provinciana tomava conta de nossa vida.

Desastre, bebedeiras, ladrão de galinha, e a parte social da Polícia, porque ali era Estação de Águas e as estações de águas trazem para o delegado uma atividade social muito grande. Deputados, Secretários de Estado e às vezes até Governadores, aparecem de repente, vestidos esportivamente com um sorriso nos lábios. Às vezes de Estado longínquos. Toda a sorte de políticos... administradores, industriais, homens de negócio, artistas, escritores, poetas, cantores...

A autoridade recebe todos como uma espécie de anfitrião da cidade. Delicadamente querem saber como vai tudo. Às vezes, quando o delegado é do nosso tipo, **p'ra frente,** fazem programas com a autoridade e não raro se tornam depois grandes amigos.

Sabem quem vem aí hoje? — perguntou-nos o dono do hotel.

Quem? — interrogamos.

O Cornelio Pires!

Cornelio Pires? o escritor?

Sim. Cornelio Pires. Vai fazer uma conferência à noite. O sr. está convidado.

Irei.

Pensava que a conferência seria no salão de cinema do hotel. Morava lá. Não me falou. À noite procurei o local mas iam passar um filme. Fui saber onde era a conferência.

Na Praça em frente do hotel, disse o porteiro.

Fui para a praça e não vi ninguém a não ser um homem debaixo do poste central, mal iluminado.

Praça deserta.

Era Cornelio Pires.

Bôa noite. O senhor vai bem?

Bem, obrigado. Sou o delegado.

Eu sei, o sr. Andrada já me disse.

Como vão as coisas "Seu" Cornelio?

Vão bem. Agora, vou fazer a conferência e depois, amanhã, vou para S. Paulo. Estou vindo de Minas...

Olhei o povo verdadeiramente assombrado e vi que jornal. Cara cheia, redonda, paletó e gravata.

Pedi licença, meio sem graça, me afastei um pouco e fui ver as águas do pequeno rio que rolava ali mesmo iluminado frouxamente à luz da lua.

As pequenas ondas saltavam. Um soldado me acompanhava.

Póde ser que haja conferência hoje, disse eu ao soldado. Êsse Cornelio Pires aí na rua... sem ninguém ...Será que o homem é doido?

O soldado não disse nada, encolheu os ombros, mas olhou de esguelha o homem despreocupado que lia o jornal à luz frouxa do poste de iluminação publica. Praça deserta...

De repente, passou um caboclo.

Passou pelo Cornelio, distraidamente, depois, parece que surpreendido, deu pela coisa e voltou alegre.

Oh, **seu** Cornelio! O senhor aqui? Há quanto tempo não via o sr.... E o homem abriu um grande sorriso de satisfação.

Trocaram algumas palavras e o Cornelio falou-lhe:

Lembra-se daquela?

E começou a contar para o caipira uma piada muito antiga. No entanto, nos lábios do Cornelio Pires a piada ganhava nova expressão, vestia-se de colorido e de graça e o caipira ria a bandeiras despregadas.

Nós também rimos, meio sem geito, e passamos a observa-lo de longe.

Logo apareceu o guarda-chaves da Estação e disse:

Soube ali agora que o senhor estava aqui e vim.

E dessa forma, pouco a pouco o grupo foi aumentando, e o Cornelio Pires ia contando as suas histórias, as suas anedotas, fazendo as suas graças, de modo que às oito horas, horário marcado para a conferência, já havia uma enorme multidão na pequena praça.

Bem, disse o escritor, agora já podemos começar a nossa conferência.

Olhei o povo verdadeiramente assombrado e vi que realmente aquele homem que chegara de repente, não anunciara durante o dia conferência alguma e que apenas se limitara a ir para o meio da rua ler jornal já podia iniciar a sua conferência porque com um sorriso nos lábios e algumas piadas organizara em pouco tempo o mais simpático auditório do mundo!

Fiquei pasmado. Nós também eramos oradores e faziamos conferências pelo Brasil. Nunca haviamos visto uma coisa dessas em nossa vida...

Aquele era o Cornelio Pires.

Fez a conferência, contando piadas entremeadas com ensinamentos espíritas. Ele era espírita.

Reencarnação, imortalidade da alma, mediunidade, tudo ia desfilando maravilhosamente através de sua palavra mágica que prendia e arrastava as multidões.

Terminada a conferência, conversamos.

Suas palavras ao povo abriram as portas da intimidade para nós e nos tornamos amigos em poucos minutos. Ali naquela noite. Encontrei-o depois muitas vezes. Falou-me do médium Vicente e do aparelho que pretendia construir, espécie de televisão espiritual para que os homens através dessa televisão pudessem ver os espíritos. Gastava muito dinheiro com o aparelho e algumas peças mandara vir dos Estados Unidos.

Não pode, no entento, realizar esse sonho porque morreu.

No mundo espiritual, porém Cornelio Pires encontrou a imortalidade e passou a enviar poemas pelo Chico, especialmente sonetos.

Assim era o estilo dele quando na Terra:

IDEAL DE CABOCLO

Ai, seu môço, eu só quiria
Pra minha felicidade,
Um bão fandango por dia,
E um pala de qualidade.

Pórva, espingarda e cutia,
Um facão fala-verdade,
E u'a viola de harmonia
Pra chorá minha sôdade.

Um rancho de bêra d'água,
Vara — de anzó, pôca màgua,
Pinga bôa e bão café...

Fumo forte de sobêjo...
Pra completá meu desejo,
cavalo bão — e muié...

CASA RÚSTICA

Eis a casa de um homem das florestas:
As paredes apenas barreadas,
Solo cheio de covas; pelas frestas
Entram résteas de sol, esfumaçadas.

As paredes da sala, para as festas,
são de anúncios e santos enfeitadas,
Mobílias tôscas, frageis e modestas,
Tripeças pelo uso envernizadas.

Varas de anzol, uma espingarda e a vida,
Com que o caboclo — quando em desafôgo,
em alegre descante se consola.

Eis a casa de Bisso ou de Mendonça,
Onde tôdas as noites, junto ao fogo,
Se narram lendas e caçadas de onça.

Esse mesmo estilo simples e profundo, iremos ver ressurgir em Francisco Cândido Xavier. Simples na forma, profundo no sentimento e na filosofia.

Em Chico Xavier, as idéias são outras. É a imortalidade da alma e a sua reencarnação que preocupam o poeta. No entanto, os versos guardam o mesmo sabor e harmonia, o mesmo modo simples e profundo de dizer, sem pretensões a grandes vôos, relatando a vida prosaica das criaturas humanas, que deixando a carne retornam à espiritualidade em péssimas condições espirituais. Observa, agora o poeta, na vida Espiritual a situação dos espíritos que retornaram da Terra, onde viveram a **vida que quizeram,** em posição de so-

frimento, pelo mal que praticaram ou pelo bem que deixaram de fazer. Vejamos os sonetos mediúnicos recebidos pelo Chico:

TAL VIDA

Falecera a sovina Nhá Rosenda...
Brigou por vinte depois da janta...
Na noite inteira, o povo reza e canta,
Falando em Deus, no Sitio da Moenda...

Sigo o caixão dourado em seda e renda,
Na sepultura fala o Zé da Manta:
Nhá Rosenda, no Céu, será mais santa,
Era um anjo nas lutas da fazenda...

Alguém traz a coroa derradeira,
A morta larga o corpo na carreira,
Quer dinheiro, pragueja, desacata...

Depois sumiu...mas, hoje, em Pirapama,
Encontrei Nhá Rosenda entregue à lama,
Crendo agarrar pacotes de Ouro e Prata.

8/8/70
(De O Reformador)

VELHO JOÃO

Velho João, agonizas triste e pobre,
Sem que o mundo, sequer, a mão te estenda:
Ninguém te oferta um caldo por merenda,
Nem um trapo de pano que lhe sobre...

Ah! ninguém te agradece ao peito nobre
O cansaço na roça e na moenda;
Morres lembrando as pompas da fazenda,
No seboso molambo que te encobre.

Percebemos pelos vãos da própria furna,
Flores aos borbotões, na paz noturna,
E abandonas o corpo, a fim de vê-las...

Fitas em prece, a noite calma e santa,
E sobes, velho João, como quem canta
Nos milharais do Céu, plantando estrelas.

(Antologia dos Imortais)

TELAS DA REENCARNAÇÃO

Eis a história de Tintina:
Abôrto e criança morta.
Hoje ela quer renascer,
Toda a gente fecha a porta.

Xandoca morreu de ódio
De Maricota do Esteio.
Hoje Xandoca é a filhinha
Que ela amamenta no seio.

Tonho morreu na garrafa.
Não trabalhava, dormia...
Morreu e nasceu de nôvo,
Sofrendo paralizia...

Morreu Tonico de Souza,
Vivia a caluniar...
Reencarnado, grita, grita,
Mas não consegue falar.

Na grande escola da vida,
Êrro nenhum passa em vão;
Deus tem por mestra e vigia
A lei da reencarnação.

(De o Reformador)
10/3/71

R. A. Ranieri

E ainda em:

"TI" PEDRO

O mendigo que chora, treme e passa
Fôra cultivador de terra alheia.
Em dado instante, hesita, cambaleia...
Há quem o julgue cheio de cachaça.

"Ti" Pedro cai e é preso em plena praça
E, morrendo, nas lajes da cadeia,
Revê toda a fortuna a que se enleia:
Cinco tostões num trapo de alcobaça.

De Espírito liberto, estrada fora,
Ouve música ao longe... É quase aurora...
"Ti" Pedro sobe leve como o vento;

E crê que o próprio Deus lhe acalma as dores,
Nas estrelas que pendem como flores
No pau d'arco de luz do firmamento.

(Antologia dos Imortais)

Aí está toda a poesia pura e imortal de Cornelio Pires, o mesmo estilo singelo da criatura humilde que viveu entre os humildes, que amou os homens e amou a Terra.

VIII

Guerra Junqueiro

O autor da "Velhice do Padre Eterno" jamais me sairá da memória. Criança ainda vendia garrafas vasias e canos de chumbo encontrados em quintais de casas desalugadas ou abandonadas. Naquela época se vendia uma garrafa vasia por um tostão e um quilo de chumbo por trezentos réis.

Com esse dinheiro, juntado com sacrifício, comprava eu livros dos grandes poetas e guardava-os com amor, após lê-los com imenso carinho. Lembro-me que certa vez encontrei na vitrine da Livraria "Dias Leite" de Belo Horizonte, uma edição de luxo dos **Sonetos Brasileiros**, de Laudelino Freire, cujo preço era de trinta e dois mil réis. Enlouqueci ao ver o livro. Entrei e pedi para vê-lo. Extraordinário!

Agradeci e saí.

Depois, todos os dias passava pela livraria e namorava o livro maravilhoso de encadernação verde com letras de ouro que se exibia luxuosamente na vitrine. Parecia que ninguém se interessava pelo livro. Só eu. Dissera o livreiro que só havia aquele exemplar. Resolvi juntar dinheiro para comprá-lo. Todos os dias eu passava por ali com o coração ansioso mas o livro continuava no lugar. Canos de chumbo, garrafas vasias, fios de cobre, trabalho de distribuir prospectos de propaganda de anúncios de casas comerciais na rua, tudo eu

fazia para reunir a quantia que haveria de me trazer o livro que eu amava!

Os dias rolaram sobre os dias até que finalmente consegui os trinta mil réis. Como um louco corri à livraria. Meu coração parou. Não estava lá. Olhei a vitrine e vi que o seu desenho estava impresso na poeira da prateleira de vidro que o suportava tanto tempo! Apenas uma mancha retangular, único sinal de sua existência. Entrei ainda com uma última esperança.

— Acabamos de vendê-lo — disse o homem.

— Agora?

— Agora há pouco. Esse livro ficou aí tanto tempo...

Saí cambaleando. Lágrimas nos olhos. O meu livro! O meu livro!

Voltei ainda:

— Não tem outro?!

— Não, não temos.

— Não vão receber mais?

— Não, não vamos. Demorou muito a vender!

— O sr. acha que encontrarei noutra livraria?

— Não, não encontra. Nós somos os únicos distribuidores em Belo Horizonte.

Fui embora. Não dormi à noite. Os trinta e dois mil réis no bolso. Inúteis, absolutamente inúteis!

Alguns dias depois, voltei e comprei "A Velhice do Padre Eterno". **Um mil réis!** se não me engano. Comprei outros livros. Gastei todo o dinheiro. E nunca mais comprei os **Sonetos Brasileiros**, os 500 Melhores Sonetos Brasileiros, nunca mais. Até hoje. Encontrei quando homem. Não quis. Esse livro tinha uma diferença comigo, assim como um amor não correspondido. Traiu-me, não sei porque. Resta-me esta incompreensível impressão.

Por outro lado, ganhei o Guerra Junqueiro e me deslumbrei com a força e a coragem do Grande Poeta!

A Seca do Ceará, A Caridade e a Justiça...

Há trinta anos atráz, quem não declamava neste Brasil "A Caridade e a Justiça"?

No alto do Calvário erguia-se uma cruz
E pregado sobre ela, o corpo de Jesus!

Era assim que os declamadores começavam. E todos sabiam o começo, todos nós.

Oh Natureza,
A única Bíblia és tu!

Quem não se lembra do **Melro?** Todos poemas célebres. O velho Guerra Junqueiro era formidável. Anti-clerical por natureza. Atacava sem cessar a Igreja, e o fazia de rijo, com dureza nunca vista.

Um dia o Papa excomungou-o.

Um amigo foi lhe levar a notícia.

De camisolão, como se usava naquele tempo e com um pequeno capuz na cabeça, saiu o grande poeta de longas barbas para o jardim da casa armado de espingarda que apontava para o infinito.

— O que vais fazer, homem?! — perguntou o outro.

— Vou matar o Papa!

— Como, matar o Papa, daqui, com essa espingarda?!

E riu-se o amigo.

— Isso não alcança nem atinge o Papa no Vaticano!

— Ah! não atinge não? Pois bem, então nem a excomunhão dele me atingirá!

E com essa o velho Junqueiro voltou para dentro da casa.

A distância era a mesma!

—oOo—

Todas essas idéias me vieram à mente, quando comecei a escrever este capítulo. A manhã de sol inunda-me a face e os pássaros cantam na árvore próxima. Ouço a algazarra dos pássaros pretos e curiós que pendem das gaiolas e o corrupião faz a sua gritaria. Borboletas amarelas esvoaçam à minha frente. Lembro-me não sei porque, do Brasil de Pery e Cecy. Provavelmente, na mesma época li o Guarany. Agora, os cabelos vão branqueando e a estrada da vida está mais curta.

E com o sol de Pery e Cecy veem-me também aos olhos da memória, os dias de sol de Pedro Leopoldo, com o Chico sob o nosso braço caminhando pelas ruas de terra.

Fica-nos, porém, a imensa saudade.

Como teria o Chico recepcionado o grande poeta português, espiritualmente?

O fato é que escreveu muita coisa pelo Chico naquele começo de luta pelo Espiritismo no mundo. Poemas bravios que eram lidos com entusiasmo pelos espíritas e com revolta pelos católicos, mas o estilo era o mesmo, os ataques, furiosos como sempre, e a grandeza da concepção literária inegavelmente a mesma.

UM QUADRO DA QUARESMA

Entre lamentações e estrídulas matracas,
Num cenário infantil, feito de gesso e lacas,
Representa-se a peça antiga da quaresma...

O pobre Senhor — Morto, um pálido abantesma,
Talhado de encomenda, em tinta espessa e forte,
Dorme grotescamente o sono dessa morte
De teatro burlesco, anual que se repete,
Como as grandes funções do entrudo e do confete.

Imóvel, sob a luz exdrúxula das tochas
Que ilumina esse caos de tintas rubro-roxas,
É o ator da paixão, a vítima e comparsa,
Do Papa, o explorador santíssimo da farsa,
Paródia de uma dor sublime e incomparável,
Filha da estupidez bisonha e condenável,
Que a Igreja representa, arrecadando esmolas,
Com latim, cantochãos, bandeiras e sacolas.

A função quaresmal prossegue. A multidão
Espera com ansiedade o clássico sermão.
Numa fantasmagoria esplêndida de aroma
Dos incensos do altar, sobre o púlpito assoma
Uma figura heril de abade gordo e enorme,
Coquelin tonsurado, obeso, desconforme,
Que grita com estertor:

"Caríssimos irmãos!"
Nós somos sobre a Terra os únicos cristãos.
Fora das concepções altíssimas da Igreja,
Existe tão somente o Inferno que despeja
O mal e as tentações no espírito perdido;
Rezai! que atualmente o mundo pervertido
Pretende esfacelar os dogmas romanos,
Sentinelas da fé, há quase dois mil anos!

Não busqueis progredir nas causas transcendentes
Porque o Papa é senhor dos céus e continentes
E o Sílabus proibe a evolução de tudo!

Eu só vos peço a fé, porquanto a fé é o escudo
Que vos há de livrar dos grandes tentadores.
Evitai conviver com os livres pensadores!
A análise conduz à escuridão do Averno,
Voltaire e Galileu são ministros do Inferno,
Comte, Calvino, Wesley, são seus embaixadores:
Das chamas infernais criaturas inferiores
Dirigem certamente o espírito moderno.

Precisais cultivar o sentimento eterno,
De eterna submissão ao Papa que é infalível.
Toda ordem de Roma é boa e indiscutível.
É preciso antepor à toda humanidade
Sentimentos de fé e catolicidade.
Necessário se faz prender quem raciocine.
Reformistas quaisquer?... Satanás que os fulmine.
A falta de fervor tem feito heresiarcas,
Tem corrompido os padres e os monarcas.

Da doutrina cristã, a sacrossanta essência
Ficou em pregação de mágica eloqüência.
Jesus apenas fôra a máscara piedosa,
Para tanta extorsão impune e criminosa.

Por isto, ó meus irmãos do altar e da batina,
A Igreja que foi pura e que já foi divina,
Morre sem remissão de horrível carcinoma,
Nos pântanos letais e lúgubres de Roma,
Lá onde a cupidez fatídica se entrapa
E morre às próprias mãos sacrílegas do Papa!

(Parnaso de Além Túmulo)

É claro que o estilo é do velho Guerra Junqueiro. As imagens, as palavras e o ritmo, assim como a fúria anti-católico-romano que o conduzia.

Eis o grande poeta de novo no poema mediúnico:

CONTRA A BESTA APOCALÍPTICA

Não vos admireis que eu volte novamente
Terçar a arma da fé, do amor, da liberdade,
Em favor do porvir de toda a humanidade,
Tendo o espírito em paz, esperançoso e crente.

Unamos todos nós, em lúcidas cruzadas,
Que a besta milenar, católico-romana,
Inda quer escoucear a consciência humana,
Tapando a luz do sol das novas alvoradas.

Não contentes com o dogma inquisitorial,
Que o seu concílio impôs a todas as criaturas,
A Igreja inda quer benezes, sinecuras,
Amealhando assim o ouro universal.

Busquemos sobre a Terra esclarecer e dar!
Sêde nesse ideal meus nobres companheiros,
Pois quem guarda o bornal que é dos trinta di-
(nheiros,
É o histrião da batina e o mercador do altar.

Obedecei a Igreja, em sua Santidade,
O Papa é o hifen de luz do arcano da Trindade.

O dogma é uma lei benigna e sublime,
Sofismá-lo, informá-lo é cometer um crime.

A humanidade está sob o império do demo;
Oremos pelo mundo, em desconfôrto extremo.

Viver, caros irmãos, em santa penitência;
As mortificações recebem da indulgência
Os prêmios celestiais na Eterna Beatitude.
Sêde firmes na fé, contentes na virtude,
Amai a caridade, a humilde singeleza,
Jesus amou no mundo a vida da pobreza!

Condenando a ciência, a luz, a liberdade,
Preconizando a fé, a Ignorância e a Prece.
Terminou a oração, rogando que se desse
Uma estola ao Progresso e um véu à Humanidade.

Com um acêno abençoou, segundo o gesto em uso,
Resmungando um latim exótico e confuso,
E depois de exercer seu santo ministério,
Procurou léstamente o calmo presbitério.
Aguardava-o o jantar de finas iguarias
Pratos de ostentação, recheios, ambrosias,
Licôres, moscatéis, confeitos, doces raros,
Opíparo jantar regado a vinhos caros.

Após se abastecer pantagruélicamente,
Em paz sacramental, seu cérebro indolente,
Desejou meditar nas cenas do Calvário.
Mas o sono roubou-lhe as preces e o breviário.

Terminada que foi a sacra pantomina,
Esquecido Jesus, olvidou-lhe a doutrina.
Sereno, adormeceu sem pensar que puzera
Em cada coração, um coração de féra,
Com seu rubro sermão, cavando um negro abismo,
Propagando a cegueira, a guerra e o fanatismo.

Olvidou que Jesus obrara com o exemplo,
Dos atos a lição, da caridade o templo,
Sem artigos de fé, sem o bispo e o vaticano.
Não se lembrou que houvera o bom samaritano,
Porque a Verdade pura, o lidimo evangelho
Era um livro escurril, inadequado e velho.
(Parnaso de Além Túmulo)

Em vida terrena, escreveu Guerra Junqueiro:

ANTONELLI

Uma lôba emprenhou um dia de Tartufo,
E Antonelli nasceu d'êste consorcio bufo.

O seu labio despreza; o seu olhar dardeja
Cassagnac de Deus, guarda-costas da Igreja.

Redige as pastorais brutais, de que se nutre,
Co'um tinteiro de treva e uma pêna de abutre.

Bossuet-Ferrabrás e Falstaf-Isaias,
Bebe petróleo negro e gim nas sacristias.

Não há pomba mais tigre, inquisidor, que assusta,
Há Nero a murmurar nas sombras com Locusta.

O cabeção que traz na batina de lila
Erriçam-no punhais; era dum cão de fila.

O tigre deu-lhe o amor e o bode a castidade,
Para um dia expulsar do mundo a liberdade,

Fez um látego atroz, que corta e que esfarrapa,
Atando uma serpente ao báculo de um papa.

Quando observo êsse monstro, essa alimária brava,
Hércules que talhou dum hissope uma clava,

Ao ver-lhe os rins de bronze, e ao ver-lhe a erecta (fronte,
Creio estar completando ao longe no horizonte.

Entre o rubro esplendor duma manhã sonora,
Um búfalo de treva às cornadas na aurora!

E escreve pelo Chico, no **Parnaso**, o poema **Eterna Vítima.**

ETERNA VÍTIMA

Na silenciosa paz do Cimo do Calvário,
Ainda se vê na Cruz o Cristo solitário.

Vinte séculos de dôr, de pranto e de agonia,
Represam-se no olhar do Filho de Maria.

Abandonado e só na aridez da colina,
Sofre infindo martírio a vítima divina;

Açoitado, traído e calmo, silencioso,
Da Terra ao Céu espraia o seu olhar piedoso.

Dois mil anos de dôr, e os seus cruéis algozes,
Passaram sem cessar como chacais ferozes.

Caravanas de reis nos tronos passageiros,
Exaltados na voz das trompas dos guerreiros;

Os lendários herois no dorso dos corcéis,
Inscrevendo com fogo as máximas das leis.

Cavalheiros gentis, valentes brazonados,
Nobres de sangue azul nos seus mantos dourados,

Viram-no seminu, na cruz, ensanguentado
E puseram-se a rir do louco supliciado!

O Cristo continuou, humilde e silencioso,
Espraiando na Terra o seu olhar piedoso.

Sábios do tempo antigo abrindo os livros santos
Olharam-no também, partindo como tantos.

Artistas e histriões, poetas e trovadores,
Castelãs juvenis, turba de gozadores

Inda vieram; depois, aqueles que em seu nome,
Espalharam a treva, o pranto, a guerra e a fome.

Desolação e horror, mataram-se os irmãos,
Lobos, tigres, chacais, na capa dos cristãos.

Contemplaram Jesus no cume da colina,
Multiplicando a guerra, as lutas e a chacina.

O Mestre prosseguiu sublime e silencioso,
Espraiando na Terra o seu olhar piedoso.

E na época atual a caravana extranha
Estaca no sopé da árida montanha;

Mas os soberbos reis e césares antigos,
Hoje mais nada são que míseros mendigos;

Os nobres de outro tempo agora transformados
Nos párias do amargor, nos grandes desgraçados,

Agora vêem, sim, no topo do Calvário,
O sacrifício e a dôr do eterno visionário,

Bradando com furor: — "Socorre-nos Jesus!"
Que possamos vencer a dôr em nossa cruz.

Sorvendo o amaro fél nas dôres da aflição,
Temos fome de paz e sede de perdão!"

E o Mestre de bondade, o anjo da virtude,
Estende o seu perdão cheio de mansuetude.

E do cimo da cruz, calmo e silencioso,
Consola a multidão com o seu olhar piedoso.

Verifica-se a um golpe de olhar que o estilo é o mesmo e o **clima poético** também. Guerra Junqueiro ressurgiu com a sua eterna e perfeita graça e a sua fúria, às vezes filosófica e às vezes, sarcástica, sempre, porém, instruindo e fazendo pensar...

Calembour, é exemplo típico.

Ó Jesuitas, vós sois dum faro tam astuto
Tendes tal corrupção e tal velhacaria,
Que é incrível até que o filho de Maria
Não seja inda velhaco e não seja corrupto,
Andando há tanto tempo em tam má companhia.

Vejamos alguns trechos de:

"COMO SE FAZ UM MONSTRO"

Êle era nesse tempo uma criança loira
Vivendo na abundância agreste da lavoira,
Ao vento, à chuva, ao sol, pastoreando os gados,
Deitando-se ao, luar nas pedras dos eirados,

Atravessando à noite os solitários montes,
Dormindo a bôa sesta ao pé das claras fontes,
Trepando aos pinherais, às fragas, aos barrancos,
No rijo e negro pão cravando os dentes brancos,
Radioso como a aurora e bom como a alegria.
.....

O que o palhaço faz ao corpo da criança,
Fazem-lho à alma, até que dela reste enfim,
Em lugar do histrião que nas barracas dansa,
O pobre missionário, o inútil manequim,
O histrião que prégа a bemaventurança
A murros de missal e a roncos de latim.
As almas infantis são brandas como a neve
São pérolas de leite em urnas virginais;
Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve,
Cristaliza em seguida e não se apaga mais.

Desta forma, consegue o astucioso clero
Transformar, de repente, uma criança loira
Num pássaro noturno estúpido e sincero.
É abrir-lhe na cabeça, a golpes de tesoira
A marca industrial do fabricante — um zero!

Em **A SÉSTA DO SR. ABADE,** diz o grande poeta:

O meio dia bateu já na tôrre da Igreja.
A aldeia é silenciosa e triste. O sol flameja
Entre o surdo murmúrio abrazador da luz,
Como num grande forno, os grandes montes nus
Recosem-se, espirrando as urzes d'entre as fragas.
Um mendigo, demente e coberto de chagas,
Dorme estirado ao sol numa modôrra espessa;
E o mosqueiro febril nas lepras da cabeça
Enterra-lhe zumbindo o cáustico das lanças.

Terrível em **CIRCULAR.**

Deus & Filho. Bazar de fé. Venda forçada.
Pela barca de Pedro, a Judas consignada,
Chega um rico sortido em modas de estação.
Vêr para crêr! Surprêsa. Atenção, ocasião
Única! Aproveitai, comprai! Pechincha certa!
Ao Bazar do Calvário! Ao Nazareno! Alerta,
Cristãos! É o desfazer da feira. Último dia.
Tôda a casta de objetos ou de quinquilharia
Que esteja em relação com negócios da igreja.
Velas especiais para quando troveja,
Aplacando de pronto a cólera divina,
Sem cheiro e sem mistura alguma de stearina,
Santa Bárbara, a quém a fé cristã se roja,
Quando atrôa, não gasta as velas doutra loja
Nem outras recomenda o concílio de Trento.
Em pacotes de seis. Por junto, abatimento.

Agua de Lourdes, fresca. Em pipas, ao quartilho
E em garrafa. Exigir a marca — Deus & Filho.

Não vamos transcrever mais esse poema, que é todo assim. Apenas queremos mostrar que o Guerra Junqueiro de CIRCULAR, que escreveu quando vivo na Terra, é o mesmo de **UM QUADRO DA QUARESMA,** recebido por Chico Xavier.

O tom sarcástico, ferino e duro de Guerra Junqueiro se reproduz espiritualmente através de Chico Xavier.

Evidentemente, **gente** ou **espírito,** Guerra Junqueiro não era nenhuma criatura má. Era poeta acima de tudo e o seu tema era a Igreja com a qual não concordava. Considerava-a atrasada, superada, fora de época, com a agravante de conduzir os homens para o erro. Isso era a sua maneira de ver as coisas. É lógico, que um espírito superior no bom sentido da palavra não continuaria após a morte do corpo a usar essa linguagem. Junqueiro é apenas um espírito esclarecido e intelectualizado.

Nessas condições, temos que considerar, levando-se em conta a verdade da missão espiritual de que está investido o Chico, que Guerra Junqueiro voltou a usar a mesma linguagem literária e a mesma ordem de idéias que usou na Terra para provar o **estilo** que era o seu e que continua sendo, pois que o **Parnaso de Além Túmulo** é obra que teve como principal esforço mostrar que os espíritos que se comunicavam **eram os mesmos** dos poetas brasileiros e portugueses. Só pelo estilo e pelas idéias poderiam provar isso, e com essa prova, colaborar para a demonstração da imortalidade.

Ora, o **Parnaso de Além Túmulo** foi programado no Mundo Espiritual para isso. Um grupo de poetas se dispôs a colaborar e o livro foi organizado. A demonstração de que um só homem não poderia escrever em tantos estilos diferentes e característicos **sem ser médium.**

Daí, a levar-se à admissão da imortalidade da alma é um passo.

É lógico que Guerra Junqueiro não guarda nenhum ódio contra a Igreja, mas é possível que no plano espiritual mantenha a mesma maneira de pensar. O que é razoável, porque pelo simples fato da criatura humana morrer não quer isso dizer que ela irá mudar muito.

Todos os espíritos mantêm-se mais ou menos na mesma condição. O que acontece é que os que na Terra foram bons, no plano do Espírito serão melhores. E os que foram máus, serão piores. Isto porque entram na posse de possibilidades que não tinham no plano físico ja que viviam no corpo como se vivessem num escafandro.

O veículo físico tolhe o espírito e limita-lhe as faculdades, assim como **apaga-lhe** o conhecimento.

Mas o **velho** ressurgiu em toda a sua glória através do lápis mágico de Chico Xavier.

IX

Bocage

Talvez o maior poeta do mundo. Talvez... Ninguém como ele compos sonetos. Nem antes nem depois.

Louro como as espigas e como o sol. Livre como a liberdade. Desprendido. Amigo. Solitário apesar de viver rodeado de criaturas felizes.

Já Bocage não sou!... A cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento.
Eu aos céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quam vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento;
Musa! Tivera algum merecimento
Se um ráio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a lingua quase fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atraz do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... A santidade
Manchei!... Oh! Se me crêste, gente impia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

Este soneto saiu **murmurado** dos lábios de Bocage nas vascas da agonia ou cambaleando da pena do grande poeta. **Poeta até morrer.** Caso, quem sabe, **único** em toda a literatura universal. Não um soneto simples, infantil, mas um soneto genial, um dos melhores que já produziu! E compos morrendo...

Meu sêr evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava:
Ah! Cégo eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana!

De que inúmeros sóes a mente ufana
Existência fallaz me não dourava!
Mas eis sucumbe Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua orgia danna.

Prazeres, sócios meus, e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si nao coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos:

Deus, oh Deus!... Quando a morte à luz me roube
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver nao soube.

Em Bocage, admiramos, em geral, além da força e sentimento, da beleza e sublimidade, a perfeição métrica. Extraordinário e muitas vezes, perfeito metrificador, o que nao acontece com Camoes, que apesar da profundidade do pensamento, do sentimento e da arte, nao alcançou sempre ou quase sempre, como Bocage, a perfeição métrica.

Em Bocage, o metro é forte, vigoroso, notável. Em Camões, muitas vezes é frouxo ou descompassado, embora no conjunto o poema ou soneto apresentem uma harmonia e beleza globais.

Bocage, não. Bocage é terso. Tem o verso o brilho, a direção e a força de uma espada.

Espírito vivo, coração ardente, alma vibrante. Sentimental e satírico. Caracturista notável. Suas pinceladas eram como chibatadas na face dos inimigos. Mas sua bondade e religiosidade eram sem fim. Criança, infantil, mas genial. Todo gênio é mais ou menos infantil em certos aspectos. Atingem, com raras exceções, além da genialidade a suprema simplicidade de coração.

"Deixai vir a mim as criancinhas..." disse o Senhor.

"Se um homem não se tornar simples como uma criança não entrará no Reino de Deus"...

Voltado para os homens, ferido, atacava-os e respondia aos ataques com violência poética e verbal. Voltado para as coisas de Deus, seu espírito era profundamente espiritual e os versos suaves e encantadores brotavam-lhe da alma em louvor da Mãe de Jesus, do universo inteiro e de Deus. Tinha tonalidades de sublime beleza espiritual. Parecia um anjo cantando para os outros anjos.

Um Ente, dos mais entes soberano,
Que abrange a terra, os céus, a eternidade;
Que difunde anual fertilidade,
E aplana as altas serras do oceano;

Um nume só terrível ao tyranno,
Não à triste mortal fragilidade;
Eis o Deus, que consola a humanidade,
Eis o Deus da razão, o Deus d'Elmano!

E a seguir, o admirável soneto:

IMPLORAÇÃO A DEUS

Oh tu, que tens no seio a eternidade,
E em cujo resplendor o sol se ascende,
Grande, imutável ser, de quem depende
A harmonia da etherea immensidade!

Amigo, mefeitor da humanidade,
Da mesma que te nega, e que te ofende,
Manda ao meu coração, que à dor se rende,
Manda o refôrço d'efficaz piedade.

Oppressa, consternada a natureza
Em mim com vozes languidas te implora,
Orgãos do sentimento, e da tristeza;

A tua intelligencia na ignora;
Sabes que, de alta fé minha alma accesa,
Té nas angústias o teu braço adora.

E ainda:

À PAIXÃO DE JESUS-CHRISTO

O filho do gram rei, que a monarchia
Yem lá nos céus, e que de si procede,
Hoje mudo e submisso à furia cede
De um povo, que foi seu, que à morte o guia.

De trevas, de pavor se veste o dia,
Inchado o mar o seu limite excede,
Convulsa a terra por mil bocas pede
Vingança de tão nova tyrannia:

Sacrilego mortal, que espanto ordenas,
Que ignoto horror, que lúgubre apparato!...
Tu julgas teu juiz!... Teu Deus condennas!

Ah! Castigae, senhor, o mundo ingrato:
Caiam-lhe as maldições, chovam-lhe as penas,
Também eu morra, que também vos mato.

INVOCANDO O AMPARO DA VIRGEM SANTÍSSIMA

Tu, por Deus entre todas escolhida,
Virgem das Virgens, tu, que do assombrado
Tartareo monstro com teu pé sagrado
Esmagaste a cabeça entumescida:

Doce abrigo, santíssima guarida
De quem te busca em lágrimas banhado,
Corrente com que as nodoas do pecado
Lava uma alma que pena arrependida:

Virgem, d'estrelas nítidas c'roada,
Do Espírito, do Pae, do Filho eterno
Mãe, filha, esposa, e mais que tudo amada:

Valha-me o teu poder, e amor materno;
Guia êste cego, arranca-me da estrada,
Que vai parar ao tenebroso inferno!

Esses sonetos mostram claramente o sentimento espiritual e religioso de Bocage. Sentimento profundo. Deus para Bocage era o Sêr Imanente que a tudo dá vida. "Grande, imutável ser, de quem depende, a harmonia da etherea imensidade!"

E Maria para ele era a "Virgem das Virgens" "por Deus entre todas escolhida", "Doce abrigo, santíssima guarida".

Alma pura, apesar de tudo, Bocage até a hora da morte teve o pensamento voltado para Deus:

— "Outro Aretino fui... A santidade
Manchei!... Uh! Se me creste, gente ímpia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!"

Há nele a preocupação da vida eterna e do mal que poderia ter causado à mocidade. Morrendo, ainda apela para que os homens o abandonem e creiam em Deus.

Esse o Bocage **vivo na Terra**, de carne e osso.
Vejamos o Bocage Espírito, por Chico Xavier:

SONETO V

Doce Mãe, Sereníssima Senhora,
Dos teus olhos velados de Doçura
Nasce fresca a alvorada, que fulgura
Na infortunada sombra de quem chora!

Quando meu sêr vagava em noite escura,
Nas angústias do abismo que apavora,
Estendeste-me os braços, vendo, embora,
Minhas chagas de treva e de loucura...

Ante o Regaço Fúlgido consente
Que minha fé se exalte, embevecida,
Prosternada, ditosa, reverente.

Recebe no dossel de Graça e Vida
O louvor de teu filho penitente,
No clarão de minh'alma convertida.

Recebido em 29-11 de 1946, honra qualquer grande poeta de nossa lingua e retrata no mesmo estilo do poeta português, a sonora metrificação do maravilhoso Bocage.

No Soneto IV do Livro "Volta Bocage...", de Chico Xavier, diz ele:

Volta Bocage, ao mundo e grita ao Fado
Que a Fama vil padece desengano,
Que a carícia de Ismene é fogo insano
Depois do escuro Estige atravessado.

Antes viver no exílio sem agrado,
Sofrer de Goa o beleguin tirano,
Beijar fusco Hidal-Khan por soberano
Que ser presa de gozo desmarcado.

Preferível guardar ervadas setas
Da calúnia que mata pouco a pouco
Sucumbindo entre as dores mais abjetas,

Que morrer, de olhar baço e peito rouco,
Na miserável chusma dos patetas
E acordar no outro mundo como louco.

No Soneto II, conta o vate português pelo lápis de Chico Xavier:

Novamente a escrever, Musa inconstante,
Desafiando o espírito moderno...
De onde vens, triste Elmano? Vens do inferno?
Dos complicados círculos de Dante?

— Não perturbes o aligero viajante!
Proclamo a essência de meu sêr eterno!
Depois de atravessar o escuro Averno,
Consterna-me a Verdade alucinante.

O que Elmano chorou ao surdo vento
No Letes se perdeu... Jamais te conte
O que te agrave o lôbrego tormento!

Basta a certeza, a mitigar-te a fronte,
De que além do cadaver macilento
Contemplarás a luz de outro horizonte...

Evidentemente, este soneto não é em nada inferior aos produzidos por Bocage quando na Terra. Pelo contrário, melhora em muitos casos a Musa do Poeta. Versos perfeitos, naturais, espontâneos. O moço pobre de Pedro Leopoldo captou com perfeição o pensamento de Bocage. Captou e retransmitiu vestido naquela mesma forma peculiar ao Grande Bardo.

Imitar simplesmente o gênio não é fácil. Só poderia fazê-lo outro gênio. Mas a genialidade, na maioria

dos casos, não tem sido no mundo mais que mediunidade, o que ocorre é que os homens até há pouco tempo não sabiam disso.

A literatura universal apresenta fatos que nos levam a pensar em mediunidade. Que literatura e ciência, já não ouviu falar em "mito"?

Jesus foi um mito, disseram. Shakespeare foi outro mito. Em nossa juventude, entre os universitários, era comum ouvir-se que Shakespeare não fôra mais do que Francis Bacon. Que Bacon é que escrevera as peças teatrais com o pseudônimo de Shakespeare. Que a existência do genial poeta não estava provada e que houvera muita discussão em torno do caso.

A ser verdade, não teria sido Bacon outro qualquer apenas médium? já que as pecas de Shakespeare estão cheias de espíritos e fantasmas? Nós não afirmamos absolutamente, de nós mesmos, que um tenha sido o outro, mas que houve dúvida quanto à existência de Shakespeare houve.

Muita gente não sabe até hoje que a "Cabana do Pai Tomás" é um romance mediunico e que Beeche Stowe foi apenas médium. Obra de repercussão sem precedentes na história literária do mundo!

Temos para nós que André Luiz e Emmanuel, de tão repetidos e citados, serão tidos no futuro não como espíritos apenas que se comunicaram pelo Chico mas até como pessoas que viveram nesta época como homens, entre nós, e com esses nomes. Se não se fizerem muito bem feitos os registros, Emmanuel passará, no futuro, como um filósofo cristão que viveu em carne e osso entre nós. É verdade que isso em nada alterará sua situação perante os homens.

Vejamos, no entanto, Bocage pelo Chico, no Soneto III, de 27-11-46:

Sonhava o pobre Elmano, ao sol da graça,
Aventuras sem fim que Amor nutria,
Louco, vivendo ingrata fantasia,
Da Velha China às margens do Regaça.

Infortunado vate! Mal sabia
Que o langotim da carne brilha e passa
E, cego de prazeres, pôs-se à caça
Das mentiras crueis que amor trazia.

Que vale o bojo lúcido e encantado
De embarcação sem praias, onde aporte,
Brigue de ouro no abismo encapelado?!

Assim colhi do mundo amarga sorte,
Quando desfez o Tempo duro fado,
Devolvendo-me o sonho do gral da Morte!

Quem leu Bocage, mesmo ligeiramente, sente aqui os pensamentos, o modo de dizer, e o pulso do mestre. Volta Bocage... Realmente voltou, através de Chico Xavier.

"Em verdade vos digo, exclamou o Senhor, ao Bom Ladrão, hoje mesmo estarás comigo no Paraiso."

O coração de Bocage era puro e sua alma boa. Cantou as misérias, as desgraças e a grandeza do homem que humildemente, muitas vezes, louvou a Misericórdia de Deus.

Não está no Paraiso, no sentido que muita gente entende, mas deve estar no mundo do pensamento tranqüilo entre os grandes poetas que se preparam para reencarnar na Terra em futuro próximo, se já não o fez...

X

Olavo Bilac

Olavo Bilac, o Príncipe dos Poetas Brasileiros.

Eu diria: se Bilac foi o Príncipe, Castro Alves foi o Rei. Mas isso não vem ao caso. Castro Alves era um gênio e Bilac, um grande Poeta.

Mas acontece que o verso de Bilac era **terso,** isto é, correto, rígido, perfeito, segundo a opinião dos intelectuais da época. Rígido e metrificado de acordo com as normas da boa metrificação; perfeito, de conformidade com a melhor gramática.

O autor de "O Caçador de Esmeraldas" é respeitado, como poeta, por muitos motivos. Um deles é o fato de ser poeta de linguagem ática. E não viveu na mesma época que Castro Alves. Veio muito depois. Veio e também inscreveu o seu nome no **Panteon da História.**

Não foi gênio, mas foi grande. Inspirado em Heredia e em Leconte de Lisle, Baudelaire e outros poetas europeus, deu à poesia brasileira momentos inesquecíveis.

Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso! "Eu vos direi, no entanto,
Que para ouví-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via lactea, como um pallio aberto,
Scintilla. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com ellas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amae para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrellas."

O velho Bilac, de janela aberta para o Infinito, era e será sempre o grande Poeta de Via Lactea, de "O Caçador de Esmeraldas", "Panoplias", "Tarde..."

Pois bem, o Príncipe, depois de morto, agora espírito, vem e através de Chico Xavier se comunica com a Terra. O mesmo pensamento, o mesmo sentimento, a mesma vibração. Verso terso, perfeito, Bilac cem por cento. E ainda mais: Soneto em Alexandrinos, os versos de metrificação mais difícil da lingua portuguesa.

JESUS OU BARRABÁS?

Sobre a fronte da turba há um sussurro abafado.
A multidão inteira, ansiosa se congrega,
Surda à lição do amor, implacável e cega,
Para a consumação dos festins do pecado.

"Crucificai-o" — exclama... Um lamento lhe (chega
Da Terra que soluça e do céu desprezado.
"Jesus ou Barrabás?" — pergunta, inquire o brado
Da Justiça sem Deus, que trêmula se entrega.

"Jesus! Jesus!... Jesus!... — e a resposta per- (passa
Como um sopro cruél do Aquilão da desgraça,
Sem que o Anjo da paz amaldiçoe ou gema...

E debaixo do apodo e ensanguentada a face,
Toma da cruz da dôr para que a dôr ficasse
Como a glória da vida e a vitória suprema.

(Parnaso de Além Túmulo)

Ao acaso, no vasto repertório do poeta quando vivo na Terra, tiramos o soneto:

O INCÊNDIO DE ROMA

Raiva o incêndio. A ruir, soltas, desconjuntadas,
As muralhas de pedra, o espaço adormecido
De echo em echo acordando ao medonho estampido,
Como a um sôpro fatal, rolam esphaceladas.

E os templos, os museus, o Capitólio erguido
Em marmor phrygio, o Fôro, as erectas arcadas
Dos aquectudos, tudo as garras inflamadas
Do incêndio cingem, tudo esbrôa-se partido.

Longe, reverberando o clarão purpurino,
Arde em chamas o Tibre e acende-se o horizonte...
Impassível, porém, no alto do Palatino,

Nero, com o manto grego ondeando ao hombro, (assoma
Entre os libertos, e ebrio, engrinaldada a fronte,
Lyra em punho, celebra a destruição de Roma.

Nota-se a mesma celebração poética. O estilo perfeito e descritivo, longamente descritivo de Olavo Bilac desenvolve-se ao longo dos quatorze versos, tanto no

soneto de Bilac-Espírito quanto neste último soneto de Bilac-Gente. A mesma coisa. Mesma encenação, perfeição métrica através dos versos alexandrinos que vêem uns atrás dos outros como soldados em marcha.

RESSURREIÇÃO

Extinga-se o calor do foco aurifulgente
Do Sol que vivifica o Mundo e a Natureza,
Apague-se o fulgor de tudo o que a alma presa
Às grilhetas do corpo, adora, anela e sente;

Tombe no caos do Nada, em túrgida surpresa,
O que o homem pensou num sonho de demente,
Os mistérios da fé, fulcro de luz potente,
O templo, o lar, a lei, os tronos e a realeza;

Estertore e soluce exausto e moribundo,
Debilmente pulsando, o coração do mundo,
Morto à mingua de luz, ambicionando a glória;

O Espírito imortal, depois das derrocadas,
Numa ressurreição de eternas alvoradas,
Subirá para Deus num canto de vitória.

(Parnaso de Além Túmulo — Chico Xavier)

SONETO

Por tanto tempo andei faminto e errante,
Que os prazeres da vida converti-os
Em poemas das formas, em sombrios
Pesadelos de carne palpitante.

No derradeiro sono, instante a instante,
Vi fanarem-se anseios como fios
De ilusão transformada em sopros frios,
Sobre o meu peito em febre, vacilante.

Morte, no teu portal a alma tateia,
Espia, inquire, sonda e chora, cheia
De incerteza na esfinge que tu plasmas!...

Impassível, descerras aos aflitos
Uma visão de mundos infinitos
E uma ronda infinita de fantasmas.

(Parnaso — Chico Xavier)

OS MONSTROS

Não me perdi numa ilusão... Perdi-me
Na existência, entre os homens. E encontrei-os,
Vivos, bem vivos! — estes monstros feios,
Cujo peso affrontoso a terra oprime.

Mas há monstros no bem, como no crime:
Outros houve, que em hymnos e gorgeios
Talvez viveram e morreram, cheios
De extrema formosura e ardor sublime.

AH! no dia da colera tremenda,
Os monstros bons, agora fugitivos
D'esta mingua de fé que nos infama,

Resurgirão no epílogo da lenda:
Os mortos voltarão varrendo os vivos,
E os maus se afogarão na própria lama!

(TARDE)

Aí também notamos nos sonetos do Príncipe o mesmo clima poético.

Através de Chico Xavier o Grande Olavo Bilac nada perde. O pensamento e a vida percorrem os versos mediúnicos com a mesma força de sempre.

Certa vez, alguém fez uma crítica ao espírito de Humberto de Campos, dizendo que se admirava que o

espírito viesse com as mesmas lamúrias de seu tempo de escritor vivo na terra.

Por que, dizia o crítico, não mudou o espírito e não vem falar das glórias do Paraiso?

É claro que o espírito, tendo sido escritor, procure demonstrar que é **o mesmo ainda.** Depois, é natural que se saiba que a morte, que é apenas a libertação da alma do corpo de carne, conserva os mesmos pensamentos durante algum tempo na espiritualidade e, às vezes, os conserva por séculos e milenios. A morte permite ao espírito, como espírito, maior liberdade de movimentos e para os espíritos mais evoluidos, maior conhecimento dos problemas espirituais, mas, por si só ela não santifica ninguém. O espírito continua sofrendo, e, às vezes, sofre mais ainda, nos planos da espiritualidade. A dor está em toda a parte. Dor física, dor moral, dor espiritual.

Humberto de Campos, na Terra, nos últimos anos de sua existência, fez da dor a sua companheira de cada dia. Suas crônicas eram lidas ávidamente assim que saiam. Devoradas, amadas, repetidas e até decoradas. **Sombras Que Sofrem, Os Párias,** e tantos outros livros, lembram o escritor que já escrevia com alma e coração, sangue e nervos, apenas para consolar os que sofriam. Caminhando para a morte, com a doença horrível da deformação física, derramava palavras de carinho e de amor por toda a parte. O Brasil inteiro seguia-lhe o pensamento cheio de idéias cristãs e observava-lhe a vida que se extinguia como uma chama trêmula.

Na ante-câmara da morte, despedindo-se da vida, o heroi grego de outras encarnações, o poeta e escritor latino de outras vidas, retornava ao mundo espiritual gloriosamente.

Sofrer, ainda é, no mundo, uma necessidade para o espírito. A dor purifica e aperfeiçoa e através dela alcançaremos os píncaros da Imortalidade Maior.

Nos sonetos de Bilac-homem, encontramos, repercutindo, tantos écos da tese da reencarnação:

Em ""TARDE"", no soneto ""A Um Triste", lemos:

Outras almas talvez já foram tuas:
Viveste em outros mundos... De maneira
Que em misteriosas dúvidas flutuas,
Vida de vidas múltiplas herdeira!

Servo da gleba, escravo das charruas
Foste, ou soldado errante na sangueira,
Ou mendigo de rojo pelas ruas,
Ou martyr na tortura e na fogueira...

Por isso arquejas num pavor sem nome,
Num luto sem razão: velhos gemidos,
Angústias ancestrais de sede e fome,

Dores grandevas, seculares prantos,
Desesperos talvez de herois vencidos,
Humilhações de vitimas e santos...

Ressonâncias de outras vidas e sentimento profundo da imortalidade. Em Bilac sempre houve um halito perfumado de ressurreição. Em sua poesia há sempre um inconfundível anseio de coisas que se foram mas que permanecem em algum lugar, no invisivel, no outro lado do véu...

No soneto **Assombração,** de **Tarde,** diz ele, às páginas 359:

Conheço um coração, tapera escura,
Casa assombrada, onde andam penitentes
Sombras e ecos de amor, em que perdura
A saudade, presença dos ausentes.

Evadidos da paz da sepultura,
Num tatalar de tibias e de dentes,
Revivem os fantasmas da ternura,
Arrastando os sudários e correntes.

Rangem os gonzos no bater das portas,
E os corredores enchem-se de prantos...
Um mundo de avejões do chão se eleva,

Ressuscitados pelas horas mortas:
Frios abraços gemem pelos cantos,
Beijos defundos fogem pela treva.

Na obra de Bilac encontraremos écos e sugestões da imortalidade e da reencarnação. Mesmo o clima poético de seus poemas irradia imortalidade.

"A Tentação de Xenocrates", por exemplo...

"Pode rugir a carne...Embora! D'ella acima
Paira o espírito ideal que a purifique e anima:
Cobrem nuvens o espaço, e, acima do atro véu
Das nuvens, brilha a estrela illuminando o céu!"

Este grito de Xenocrates respondendo à estuante Laís que o enlaçava na explosão da carne gloriosa é bem o pensamento espiritual de Olavo Bilac afirmando colocar o Espírito acima da Matéria.

O anseio do poeta que sempre buscou o ideal maior e que vibrou sempre na faixa do sentimento mais elevado. Sua ânsia de beleza haveria de conduzí-lo permanentemente, para as coisas do espírito, para o alto, para Deus.

Através de Chico Xavier sua lira iluminou-se com a luz sublime da imortalidade.

XI

Casimiro de Abreu

Oh! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais!

Enquanto houver lingua portuguesa falada ou escrita no mundo, estes versos viverão!

Quem não se lembra da ternura de Casimiro de Abreu? Pássaro cantando à beira dágua, pousado nas pedras para beber com o biquinho cor de cinza a água cristalina do pequeno córrego que corre no valado. Patativa, modesta, simples, de plumas singelas, mas de canto suave que pouco a pouco nos empolga.

Casimiro de Abreu! Poeta entre os poetas de nossa vida! Com que sofreguidão e amor lemos em tenra idade **As Primaveras!** Talvez aos nove anos de idade, talvez menos!

Casimiro puro, Casimiro simples, Casimiro igual a nós mesmo suspirando e cantando o amor e a saudade. Saudade da Terra em que nasceu, saudade da mãe, saudade da pátria!

A incompreensão do pai e a morte em pleno alvorecer da vida.

Como Casimiro estava em nós, tão nosso, tão brasileiro!

Nova Friburgo, próximo à cidade onde o poeta nascera nos aparecia como uma cidade bendita, o nome que pensavamos austríaco era uma sedução.

Não há criança que não tenha amado, na escola, Casimiro de Abreu!

A Primavera é a estação dos risos,
Deus fita o mundo com celeste afago,
Tremem as fôlhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos friscos.
.....

Na primavera tudo é riso e festa
Brotam aromas do vegetal florido,
E o ramo verde de manhã colhido
Enfeita a fronte da aldeã modesta .

Como os versos do poeta penetravam-nos a alma!

Simpatia — meu anjinho
E o canto do passarinho,
E o doce aroma da flor,
São nuvens d'um céu d'agôsto
E o que inspira teu rosto...
Simpatia — é — quasi amor!

E mais pungente:
Da patria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor;
— Minha Mãe! —

Um grito da alma desterrada, diriamos nós. Um grito de dôr, de sofrimento, de angústia, de saudade, que no entanto, mais parecia o soluço triste da jurití à beira do caminho!

Esse Casimiro de Abreu, alma desterrada, coração puro e santo, buscou como outra ave de beleza sem par a mente de Chico Xavier. O médium recebeu-o no Parnaso de Além Tumulo:

À MINHA TERRA

Que terno sonho dourado
Das minhas horas fagueiras
No recanto das palmeiras
Do meu querido Brasil!
A vida era um dia lindo
Num vergel cheio de flores,
Cheio de aroma e esplendores
Sob um céu primaveril.

A infância, um lago tranqüilo
Onde começa a existência,
Onde os cisnes da inocência
Bebem o néctar do amor.
A mocidade era um hino
De melodias suaves,
Formadas de trinos de aves
E de perfumes de flor.

O dia, manhã ridente,
Numa canção de alvorada;
A noite toda estrelada
Após o doce arrebol;
E na paisagem querida,
Os ramos das laranjeiras
E das frondosas mangueiras
Douradas à luz do sol!

Oh! que clarão dentro dalma,
Constantemente cismando,
O pensamento sonhando

E o coração a cantar,
Na delicada harmonia,
Que nascia da beleza,
Do verde da Natureza,
Do verde do lindo mar!

Oh! que poema a existência
De infância e de mocidade,
De ternura e de saudade,
De tristeza e de prazer;
Igual a um canto sublime,
Como uma estrofe inspirada
Na noite e na madrugada,
Na tarde e no amanhecer.

De tudo me lembro e quanto!
A transparência dos lagos,
As carícias, os afagos
E os beijos de minha mãe!
Dos trinos dos pintassilgos,
Da melodia das fontes,
As nuvens nos horizontes
Perdidos no azul do além.

Quando eu cruzava as campinas,
Sem sombras de sofrimento,
Descalço, com o peito ao vento,
Num tempo doce e feliz!
Os pessegueiros floridos,
As frondes cheias de amora,
O manto de luz da aurora,
Os pios das juritís!

Se a morte aniquila o corpo,
Não aniquila a lembrança:
Jamais se extingue a esperança,
Nunca se extingue o sonhar!
E à minha terra querida,
Recortada de palmeiras,
Espero em horas fagueiras
Um dia poder voltar.

Este poema vem no **Parnaso de Além Tumulo,** que Chico publicou em 1932, recebido um ou dois anos antes, ainda jovem, recém-saido da adolescência. Aos 17 anos Chico começou a **receber** os espíritos dos grandes poetas de nossa lingua.

Vemos ainda no Parnaso o poema TERRA que reproduz o estilo mais característico de Casimiro:

Se há noite escura na Terra,
Onde rugem tempestades,
Se há tristezas, se há saudades,
Amargura e dissabor,
Também há dias dourados
De sol e de melodias,
Esperanças e alegrias,
Canções de eterno fulgor!

A Terra é um mundo ditoso,
Um paraiso de amores,
Jardim de risos e flores
Rolando no céu azul.
Um hino de força e vida
Palpita em suas entranhas,
Retumba pelas montanhas,
Ecoa de Norte a Sul.

Os sonhos da mocidade,
As galas da Natureza,
Livro de excelsa beleza
Com páginas de esplendor,
Onde as histórias são cantos
De gárrulos passarinhos,
Onde as gravuras são ninhos
Estampados no verdor;

Onde há reis que são poetas,
E trovadores alados,
Heróis ternos, namorados,

Gargantas de ouro a cantar,
Saudando a aurora que surge
Como ninfa luminosa
A olhar-se toda orgulhosa
No espelho do grande mar!

Onde as princesas são flores,
Que se beijam luzidias,
Perfumando as pradarias
Com seu hálito de amor;
Desabrochando às centenas,
Na estrada onde o homem passa,
Oferecendo-lhe a graça,
Sorrindo, cheias de olor.

O dia todo é alvorada
De doces encantamentos;
A noite, deslumbramentos
Da lua, em seus brancos véus!
A tarde oscula as estrelas,
Os astros o Sol-nascente,
O Sol o prado ridente,
O prado perfuma os céus!...

Quem vive num éden desses,
É sempre risonho e forte,
Jamais almeja que a morte
Na vida o venha tragar;
Sabe encontrar a ventura
Nesse jardim de pujanças,
E enche-se de esperanças
Para sofrer e lutar.

Se há noite escura na Terra,
Abarrotada de dores,
De lágrimas e amargores,
De triste e rude carpir,
Também há dias dourados
De juventude e esplendores,
De aromas, risos e flores,
De áureos sonhos no porvir....

Estes poemas são realmente estranhas ressonâncias dos poemas de Casimiro.

A intimidade da poesia recebida pelo Chico espelha Casimiro de Abreu naquilo que ele tinha de mais puro e mais flagrante: o ritmo, a música dos versos, a espontaneidade, a simplicidade e a ingenuidade.

Os versos do poeta de Friburgo sofrem às vezes de uma natural frouxidão ou desordem interior de contextura. São defeitos que acabam por identificar o poeta. Tornam-se inerentes e próprios da sua poesia ou do instrumento de sua poesia, que são os seus versos.

Em Casimiro, Chico também apresenta os mesmos defeitos e características. Isso torna os poemas perfeitamente identificáveis.

Assim, vejamos:

Oh! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flôres,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Que terno sonho dourado
Das minhas horas fagueiras
No recanto das palmeiras
Do meu querido Brasil!
A vida era um dia lindo
Num vergel cheio de flores,
Cheio de aroma e esplendores
Sob um céu primaveril.

Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
N'aquela doce alegria,
N'aquele ingênuo folgar!

O céu bordado d'estrêlas,
A terra de aromas cheia
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

A infância, um lago tranqüilo
Onde começa a existência,
Onde os cisnes da inocência
Bebem o néctar do amor.
A mocidade era um hino
De melodias suaves,
Formado de trinos de aves
E de perfumes de flor.

N'aqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava as Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que clarão dentro d'alma,
Constantemente cismando,
O pensamento sonhando
E o coração a cantar,
Na delicada harmonia
Que nascia da beleza,
Do verde da natureza,
Do verde do lindo mar!

Cremos que não há necessidade de mais. Entremeamos aí, estrofes de dois poemas: **Meus Oito Anos,** de Casimiro-Gente, quando vivia na carne do mundo e estrofes do Casimiro-Espírito, através de Chico Xavier, do poema **À MINHA TERRA**, que vem no **Parnaso.** O leitor procure ver se pode facilmente distinguir.

É lógico que os que conhecem bem a obra de Casimiro reconhecerão logo as estrofes do Casimiro-gente, mas não reconhecerão por questão de estilo mas simplesmente porque conhecem o poema, mas verão que não há distinção de estilo.

E poderiamos fazer isso com todos os poemas recebidos pelo Chico. Aqui vemos que Casimiro de Abreu retornou imortal em toda a sua ternura e amor pela terra que lhe foi berço natal. Verifica-se um fato interessante: os espíritos guardam mesmo depois da morte do corpo a saudade e a ternura, o amor e a afeição por tudo o que deixaram entre os homens.

XII

Hermes Fontes

SONETO

Sou o lavrador que fêz, rude e bisonho,
A sementeira luminosa e rara
Do trigo louro e rútilo do sonho...
Sonho lindo que a nada se compara.

Não reparou o labor triste e enfadonho,
Regou, chorando, a Terra que lavrara;
E de alma ingênua e coração risonho,
Esperou confiante o sol da seara.

Passados os trabalhos e os tormentos,
Quando aguardava a messe, jubiloso,
Numa grande esperança insatisfeita,

Eis que aparecem os arrasamentos,
E o pobre, desgraçado e desditoso,
Perdeu tudo no instante da colheita.

(Parnaso de Além Túmulo)

Hermes Fontes foi um angustiado. Um angustiado cheio de ternura e de amor. Enchia-o a revolta que nascia da incompreensão do mundo. Deu tudo de si

mesmo e muito pouco recebeu. Cabeça enorme e corpo franzino, feio, dizem, talvez o mais feio dos homens, de alma rútila e luminosa, cheia das belezas da arte e do amor. Grande poeta, levou uma vida de tristeza e desencanto.

Ó Tristeza, ó das almas infelizes
Mãe e filha! Tristeza, minha irmã,

—oOo—

Meu lar...perdi, sem que o perdesse,
Porque o deixei!

—oOo—

Tristeza, minha única alegria!

—oOo—

Moço, — o moço mais velho de fadiga!
Pobre — o pobre mais rico de tristeza!

Estes são alguns gritos de desespero da alma que na Terra habitou o corpo de Hermes Fontes, um gigante num corpo de criança, mirrado, insignificante e triste. Um gênio, um gênio da poesia universal sepultado no idioma português. Homem que sentia a própria grandeza, mas perseguido pela indiferença dos intelectuais. Os mesmos que o receberam inicialmente com exclamações e louvores quando publicou **AS APOTEOSES**, passaram a atacá-lo e persegui-lo ou por não compreendê-lo ou por perceber que, mediocres, defrontavam um gênio. Porque é comum serem os gênios perseguidos pela mediocridade. Hermes foi um gênio pobre e infeliz. Caráter íntegro e coração de ouro permaneceu na obscuridade da vida comum enquanto os seus livros, que após a publicação retumbante do primeiro, **Apoteoses**, recebido com louvores pela crítica, viveram quase desconhecidos pelos homens que preferiram ignorá-los.

Pouco a pouco, a alma do Poeta encheu-se de desilusão e dor. Ferido, desanimou e buscou a liberdade através das portas do suicídio. Ele que atravessara grande parte da vida sofrendo.

"Perdeu tudo no instante da colheita."

Nós sabemos que a criatura que deixa o mundo através do suicídio não encontra no outro lado da vida a paz que sonhara nem se liberta dos compromissos e responsabilidades. Pelo contrário, conquista novas dívidas e passa para o outro lado em péssima situação espiritual e em grande perturbação mental. A Natureza não dá saltos e a Lei inexorável de Deus exige a reparação.

Segundo Emmanuel, por Chico Xavier, a população de nosso Globo é de trinta bilhões de almas fazendo pressão sobre dois bilhões que estão reencarnadas na Terra. Assim, é uma oportunidade muito grande a da reencarnação. Nós disputamos a reencarnação em um corpo de carne com 30 Bilhões de almas! Para se conseguir isso não é fácil. Espíritos bons, nossos amigos, intercedem em nosso favor para que nos seja concedida uma nova reencarnação na Terra. Ora se destruimos o veiculo carnal, frustramos a oportunidade desses 30 bilhões que disputavam conosco. Logo, a nossa responsabilidade é enorme, imensa, e haveremos de responder, no plano espiritual, pelo crime que cometemos. É lógico, que poderá haver atenuantes, mas o crime atenuado ou não, existirá!

Hermes Fontes era Poeta de altíssima inspiração, alma alcandorada e amorosa. O seu gesto se reveste de imensa responsabilidade, muito embora saibamos que pode ter sido influenciado por espíritos inimigos que o ajudaram a destruir-se...Essa porém é outra conversa...

—oOo—

Conforme Povina Cavalcante em seu livro "Hermes Fontes — Vida e Poesia", escreveu Gilberto Amado: "O meu conterraneo Hermes Fontes, consagrado aos

vinte anos autor de um livro de versos extraordinários, rodeado de aclamações, gemia de raiva por ser pequenino de corpo. A natureza lhe prodigalizara, entre milhões de brasileiros, dons excepcionais, o privilégio de poder servir-se das palavras para criar encantamento aos seus semelhantes na lingua do seu povo, cuja beleza podia enriquecer.

Grande de espírito martirizava-se por não ser grande de corpo. Em vez de dançar como Davi na frente dos exércitos, indiferente à chacota, chorava por não ser Golias".

Tinha o desespero na carne. Sofria pela dor de ser feio e sofria pela dor de não ser compreendido. O Poeta que aos vinte anos fôra entusiasticamente aclamado ao publicar **As Apoteoses**, sentiu-se desprezado e incompreendido, ridicularizado e perseguido, depois.

Filho de Sergipe, viera ao Rio onde pontificavam os grandes escritores da lingua. Pleiteou a eleição à Academia Brasileira de Letras e não logrou votação. Até o grande Bilac lhe recusou o voto, embora reconhecesse nele uma imensa voz da Poesia Brasileira:

> "É, portanto, impossível para você o meu **sim**. Mas você começa agora a viver: e há de achar muitas vagas, muitas, como a minha. Mas espero que vivo, verei você na Academia."

Era a recusa formal de Bilac. Posteriormente, Hermes Fontes entrou para a Academia na vaga mesmo de Olavo Bilac quando este morreu. Pode-se, no entanto, imaginar o sofrimento de um jovem que era um gênio, que publicara um livro de gênio e que estava escravizado dentro de um corpo disforme, tendo à sua frente fechadas as portas da Academia, simplesmente porque o sistema de votação ensejava a interferência de gente importante, ministros de Estado e até esposa de Presidente da República em favor deste ou daquele. Sua consciência pura e seu caráter impoluto eram incapa-

zes de compreender estas atitudes inferiores dos homens. Por isso sofreu e por isso morreu. Não foi totalmente infeliz no amor, encontrou quem se casasse com ele. Não sabemos na realidade, se o seu casamento foi realmente feliz. Se o não foi, então, acrescentou ainda mais essa infelicidade à sua vida.

A sensibilidade dos gênios é muito intensa e as suas percepções para o futuro muito grandes. Enxergam no futuro. Apezar de tudo, Hermes era piedoso. No final da vida, segundo Povina Cavalcanti, ia no cair da tarde, orar numa Igreja da rua Mariz e Barros. Orava e pedia por si pelos amigos e parentes. Cria em Deus, aceitava o Senhor com fé e sentimento.

Diz Povina Cavalcanti, que foi seu amigo e conterraneo:

"**Nas Apoteoses** Deus está presente em pelo menos, sete poemas". E cita:
"O homem vai alto, mais alto — plena altura!
Mas cansa e desce...e, ao vir de declívio em declívio, recorre à Fé, e a Fé o eleva e transfigura..."
E diz, esclarecendo:
"Como se vê, sua angústia conhecia o remédio."

"Deus inspirou-lhe um poema característico. Veio já nas **Apoteoses;** se pertencesse à **Fonte da Mata** teria outra feição: a nítida feição do sentimento religioso, que não se pode confundir com os pretextos do paganismo estético. Mas, mesmo assim, a inspiração anímica, telurica do estreante não fugiu ao doce cativeiro daquela benção na ermida da **Divina Pastora,** que lhe marcou para toda a vida a predestinação cristã.

O seu canto é de fé:

"Creio: que importa o mais? Creio num Ser mais forte do que os fortes — um Deus-Perdão, um

Deus-Justiça, A Esperança na vida, a Redenção na morte que tem, sempre, um remédio, algum milagre inviso, quando a Desesperança os corações eriça e o Inferno põe no Paraiso..."

E esta auto-revelação:

"Quem sofre, vê mundos ocultos...
Nêles, talvez, se oculte Deus..."

Mas há uma notícia da presença do crente perturbado, que foi Hermes Fontes, neste soneto incomparável:

SALVE RAINHA

Salve-Rainha, mãe dos engeitados,
Mãe de misericórdia, mãe dos tristes,
prodigalizadora de cuidados
àqueles, para cuja guarda existes!

Ó Mãe que amparas os desamparados!
Mãe das minhas virtudes, que me assistes
e me atenuas todos os pecados,
Mãe de Misericórdia, mãe dos tristes!...

Salve, fonte das minhas esperanças!
Fonte, de cujas lagrimas me inundo
nas translúcidas gotas, que me lanças!

Fonte, de que meu pensamento é oriundo;
que choras...de choraramos desde crianças
neste vale de lagrimas — o mundo!

E o pobre Hermes ainda exclamaria:

"Ando de olhos nos céus, a ver se ao menos posso falar de longe, ao Deus que adoro e a quem me entrego."

Por isso tudo, se vê que Hermes Fontes não se afastara de Deus. Amava-o de todo o coração e de todo o entendimento e, provavelmente, é o que lhe deve ter restado ainda quando passou violentamente para o outro lado da vida. Na visão desesperada da morte, por certo, há de ter se lembrado de Deus e acreditado que o suicídio não o prejudicaria, mas, infelizmente

...O pobre, desgraçado e desditoso,
Perdeu tudo no instante da colheita.

E disse ele ainda em **Parnaso de Além Túmulo**, de Chico Xavier, no soneto **Minha Vida:**

Não pude compreender o meu destino
Na amargura invencível do passado,
Que amortalhou meu sonho peregrino
Nas trevas de um martírio irrevelado.

Mas havia em Hermes Fontes as origens de muitas coisas que os homens talvez não perceberam. Ele que em sua poesia trazia muita coisa nova, a começar pela forma que era quase sua só, mal se percebendo aqui e ali alguma influência de outros poetas, também exprimia pensamentos e sentimentos adiantados para a epoca. Como Olavo Bilac, também falou algumas vezes em reencarnação. Vejamos:

PÁGINA TRISTE

Quando a gente começa a viver de lembranças,
Não começa a viver — pois começa a morrer...
Poetas, velhas crianças!
É melhor não lembrar, é preciso esquecer,
Pois a saudade é a mãe de novas esperanças
e ao morrer ainda fica (os poetas são crianças!)
a ilusão de voltar a renascer...

R. A. Ranieri

Isto em 1928, no album de Neusa.

É do período de 1922 a 1928 o poema **Indulgência,** cuja passagem reproduzimos:

Eu passei pela vida tão se mal,
tão sem ódio a ninguém, tão sem veneno,
e, entretanto, Senhor, desde pequeno,
minha vida é esta sombra, êrma e augural!
Esta sombra profunda de outra vida.

Tem-se a impressão que Hermes sentia as ressonâncias de uma encarnação anterior.

Como tantos poetas, que são médiuns, intuitivamente, entrava na posse de conhecimentos que talvez pudessem estar além da propria compreensão ou, quem sabe, acreditava, realmente, na reencarnação? Pode ser até que tivesse conhecimento e aceitasse a reencarnação como princípio. Grandes artistas no mundo inteiro aceitaram os princípios do Espiritismo assim como grandes Estadistas. Poderiamos citar Victor Hugo, Abraham Lincoln, Mackenzie King, etc. etc.

Já se sabe que a Justiça de Deus neste aspecto, só poderia ser compreendida, admitindo-se o fato de encarnação anterior. Grande poeta, inteligência fulgurante, coração bondoso e amigo, porque haveria Hermes de ser encerrado num corpo franzino e quase disforme?

Dizem que era orgulhoso e vaidoso. Se isso era verdade, só um corpo desses poderia lhe impor limitações, fazê-lo sofrer e ir pouco a pouco vencendo o seu orgulho e a sua vaidade. Instrumento de aperfeiçoamento de sua alma.

Se não admitirmos as existências anteriores, na seqüência inexorável das vidas sucessivas, jamais entenderemos as crianças que nascem aleijadas, disformes e as que nascem cegas e as que nascem na miséria enquanto que outras nascem perfeitas e na riqueza. Deus seria injusto e toda a filosofia milenar da Suprema Justiça e Suprema Bondade, que é Deus, seria destruida. Teria

destruido o mais poderoso pilar que prova a existência de Deus.

Dentro do corpo pequenino, Hermes era um gigante, e ali viveu e sofreu. Sua morte, num ato de desespero, todavia, fez que perdesse tudo no instante da colheita. Por isso, nos ensinou Jesus:

Aquele que perseverar até o fim será salvo.
Não sairás de lá enquanto não pagares o último (ceitil

e

Quem não nascer de novo não verá o Reino (de Deus.

—oOo—

Mas o espírito de Hermes Fontes, como tantos outros poetas, buscou a grande águia que é Chico Xavier, e encontrou o seu coração amoroso que o recebeu como a um filho e pode ele, então escrever os poemas que vêem no Parnaso:

POEMA DA AMARGURA E DA ESPERANÇA

Falar-vos de martírios e tormentos
É perpetrar amargas redundâncias,
Redizer minhas mágoas, minhas ânsias,
Renovar minhas síncopes de dor...
Não sorvo mais os tóxicos violentos
Do desespero e da melancolia,
Após a derrocada
Das construções de um sonho superior.

Tudo outrora, Senhor,
Na minha pobre vida abandonada,
Era o tédio cruel que me impedia
De vislumbrar a claridade imensa
Da luz do sol puríssimo da crença,

R. A. Ranieri

Tudo em volta de mim era a cegueira
Que torturou a minha vida inteira,
Que me seguiu o espírito ambicioso!

A carne é pobre e é cheia de fraqueza,
Simbolizando o ciclo tenebroso
Das sínteses de dor da Natureza,
E a carne subjugou-me inteiramente,
Fêz-me fraco e descrente,
E transformou a minha mocidade
Num montão de ambições, de fama e glória,
Adormeceu-me aos cantos da vaidade
E me afastou da estrada meritória
Da crença e da bondade...

Misericordiosíssimo Senhor!
De tortura em tortura amargurado,
O meu frágil espírito inferior
Viu-se presa de trevas, no passado,
E a desgraça suprema o amortalhou.

Tudo sofri de dor e de miséria,
Mas a tua bondade me levou
A esquecer a influência deletéria
Da carne passageira...

Rompeste a minha venda de cegueira
E divisei o excelso panorama
Do Universo infinito, que TE aclama
Como a fonte do amor ilimitado!

Relevaste, meu Deus, o meu pecado
E pude ouvir as harmonias puras
Que equilibram os mundos nas alturas!...

Cheio de amaridúlcida ansiedade,
A esperança o espírito me invade,
Aguardando das lágrimas futuras
A minha redenção...

Que a confiança, pois, em Ti me anime,
Que no porvir a dor bela e sublime,
Jorre em minhalma a luz da perfeição.

Como sabemos, Hermes Fontes, escreveu poemas originais na tonalidade e estilo mais diversos e imprevistos. Criou neologismos tais como esse **amaridúlcida**, e uma infinidade de outros que vieram enriquecer a lingua portuguesa.

Vê-se aí, através de Chico a sua maneira livre de dizer e de pensar.

Comparemos, pois, com alguns dos poemas e sonetos que escreveu quando na Terra.

ARQUEJO

Comocão de Minha Alma iluminada...
Maturidade esplêndida do Amor...
... Para quê? É-me inútil a escalada
e já descri de ser o vencedor...

Desfeito o altar, porque manter a escada?
Meu destino é de chamas e esplendor,
Mas olho em derredor, não vejo nada
senão a minha sombra e a minha dôr!

A minha Dôr — essa imortal ruina;
a minha Sombra — essa espiã divina,
e a minha Solidão, em tôrno a mim:

e esta desilusão, e esta saudade,
e esta mentira de celebridade,
e este cansaço de esperar o fim...

R. A. Ranieri

O CARVÃO E O DIAMANTE

(Pensando em Cruz e Souza)

Teceis, Senhor de insólitos contrastes,
a matéria que jaz e a essência que erra.
Foi das classes humílimas da Terra
que o vosso filho e intérprete tirastes.

Fizestes, lado a lado, o abismo e a serra...
E aos astros, nos seus rútilos engastes,
destes a luz eterna, e os distanciastes
lá longe, como alguém que se desterra!

No carvão, escondestes o diamante.
E ocultastes as pérolas, sob a água,
e os prázios, sob a areia transitória.

E foi à alma de um negro agonizante
que houvestes a mais pura flor da Mágoa
e a dor mais alta pelo Amor e a Glória!

Embora, saibamos que o estilo de Hermes Fontes toma, a cada livro, novas expressões, percebemos claramente nos poemas mediúnicos através de Chico Xavier o mesmo pulso e a mesma voz.

Podemos comparar estes versos:

Rompeste a minha venda de cegueira
E divisei o excelso panorama
Do universo infinito, que TE aclama
Como a fonte do amor ilimitado.

Desfeito o altar, porque manter a escada?
Meu destino é de chamas e esplendor,
Mas olho em derredor, não vejo nada
senão a minha sombra e a minha dor!

Uma quarteto é mediúnico, através de Chico Xavier, e o outro é do Poeta quando vivo na Terra. Verifica-se que a música dos versos e a marcha das palavras obedecem a um mesmo comando e ao mesmo modo de dizer.

Poderiamos fazer assim, estudos comparativos de toda a sua obra. Mas o leitor estudioso irá, por si mesmo, encontrando as semelhanças.

Há pequenas diferenças apenas no fato de quando vivo escrever alguns versos iniciando por letra minúscula. Isso deverá ser bem estudado quando no livro a ser publicado "Mediunidade Gloriosa", estudaremos o problema mediúnico de Chico Xavier. No entanto, não há nenhum prejuizo para os poemas. O mecanismo da mediunidade explicará o fato já que o espírito transmite a idéia, o pensamento, através do médium. Provavelmente, Hermes Fontes escreveu muitos poemas em vida terrena começando todos por os seus versos por letras maiúsculas, mas como era um inovador, fez incursões noutros setores no campo da poesia e da forma. Nós também teriamos, para isso, que percorrer todos os poemas recebidos pelo Chico, de Hermes Fontes, para verificar o procedimento do poeta-espírito no correr do tempo...

Já esclarecemos que os espíritos, pelo Chico, guardam o mesmo estilo, mas os poemas são novos poemas, com idéias diferentes e palavras diferentes.

Comparemos ainda estes dois finais de sonetos, um mediúnico e outro do Hermes-Gente:

E esta desilusão, e esta saudade,
e esta mentira de celebridade,
e êste cansaço de esperar o fim...
Eis que aparecem os arrazamentos,
E o pobre, desgraçado e desditoso,
Perdeu tudo no instante da colheita.

Aqueles que estão habituados a ler e ouvir os poetas sentem logo a vibração da mente que é a mesma.

Lá das esferas onde se encontra, Hermes Fontes por certo também nos acompanha e sorri.

Creio que agora ele já está bem e espera por certo uma nova reencarnação para reparar seus erros e suas falhas. Agora, mais humilde, entendendo, com certeza, que Deus não é injusto e que a sua Justiça, que nós muitas vezes não compreendemos, cobre a Terra inteira.

XIII

João de Deus

João de Deus era um poeta simples. Talvez ingênuo. Vivendo numa época conturbada, manteve-se, no entanto, dentro de um elevado padrão de espiritualidade. Enquanto a Política trocava, dia a dia, os seus líderes, e Portugal arfava ao peso dos mesmos homens que o dominavam, João de Deus escrevia e cantava a beleza e a simplicidade da vida.

Quando a minha alma nasceu
Para onde olhou primeiro,
E viu tudo um nevoeiro,
Foi lá cima para o céu...
Que a alma nunca lhe passa
De idéia a fonte da graça!

Em tôda a ânsia de luz,
Em tôda a ânsia de gôzo,
Sempre aquele olhar ansioso
Nêsse ideal de Jesus...
Nêsse bem que não se exprime...
Êxtase de amor sublime!

Tudo muito simples, tudo parecendo improvisado. Mas não é fácil imitar a simplicidade na Poesia. Talvez seja a coisa mais difícil que há, escrever com simplicidade, com a alma na boca.

Todo poeta verdadeiro transmite um **frêmito** especial à sua poesia e que lhe é peculiar. Característica inconfundível da sua alma que passa a se espelhar em seus versos.

ENLÊVO

Não brilha o sol,
Nem pode a lua
Brilhar na sua
Presença dela!
Nenhuma estrêla
Brilha diante
Da minha amante,
Da minha amada!

A madrugada
Quanto não perde!
O campo verde
Quanto esmorece!
Quanto parece
A voz da ave
Menos suave
Que a sua fala!

Na introdução a "João de Deus — Poesia", da coleção "Nossos Clássicos", Cleonice Berardinelli comenta:

"Todos os que têm se aproximado com espírito crítico da obra poética de João de Deus são unânimes em salientar a extrema simplicidade de seus versos. A espontaneidade, o desatavio, a fluência são suas qualidades mestras. É poesia que entra pelos olhos ou pelos ouvidos, com seu poder en-

cantatório e inexplicável, apoderando-se de cada leitor ou ouvinte com a mesma facilidade com que teria saido das mãos de seu autor. E êste, pelo seu talento de improvisar e por se dizer inculto, ledor tão somente da gazeta e da **Marília de Dirceu, contribuiu** para que se divulgasse a idéia de que seus versos eram o produto puro da inspiração, intocados — ou quase do apuro do artista."

Só isso, diz bem de como o próprio poeta se considerava. Contudo, para nós, a espontaneidade a simplicidade são as melhores qualidades do **Poeta João de Deus.**

Como corre a água pura da cascata em meio da mata virgem assim nasciam os seus versos da sua alma e do seu coração.

Através de Chico Xavier ressurgiu também o poeta com a mesma pureza cristalina de inspiração.

Em "AS LÁGRIMAS", ei-lo que exclama:

Desci um dia
Ao sorvedouro
Da atra agonia
Da Humanidade,
A procurar
A perscrutar
Qual a verdade,
Qual o tesouro
O mais profundo
Que neste mundo
O homem prendesse
E o retivesse

E vi, então,
No coração
Da criatura
Só a ilusão
De uma ventura.

Eu vi senhores
Que dominavam
E se orgulhavam
Do seu poder,
Sempre a abater
Os desgraçados.
Os potentados,
Com seus valores
Bem se julgavam
Onipotentes,
Heróis valentes,
Cá nesta vida...

E o poema vai por aí afora. No **PARNASO,** a mesma claridade e a mesma simplicidade de João de Deus.

DEUS?

Quem me terá trazido a mim suspenso,
Atônito, alheado... ou a quem devo,
Enfim, dizer que em nada mais me enlevo
A ninguém mais do coração pertenço?

Se desço ao vale, ao alcantil me elevo,
Quem é que eu busco, em que será que eu penso?
És tu memória de horizonte imenso
Que me encheu a alma dum eterno enlêvo?...

Segues-me sempre... e só por ti suspiro!
Vejo-te em tudo... terra e céu te esconde!
Nunca te vi... cada vez mais te admiro!

Nunca essa voz à minha voz responde...
E éco fiel até do ar que aspiro,
Sinto-te o hálito!... em minha alma ou onde?

A PRECE

O Senhor da Verdade e da Clemência
Concedeu-nos a fonte cristalina
Da prece, água do amor, pura e divina,
Que suaviza os rigores da existência.

Toda oração é a doce quinta-essência
Da esperança ditosa e peregrina,
Filha da crença que nos ilumina
Os mais tristes refolhos da consciência.

Feliz o coração que espera e ora,
Sabendo contemplar a eterna aurora
Do Além, pela oração profunda e imensa.

Enquanto o mundo anseia, estranho e aflito,
A prece alcança as bênçãos do Infinito,
Nos caminhos translúcidos da Crença.

(Parnaso de Além Túmulo — 8.a Edição)

O primeiro soneto é de João de Deus-Gente, isto, quando encarnado na Terra. O segundo é que foi recebido, por Chico Xavier.

Interessante é contar que por volta de 1947-48 etc., O Espírito de João de Deus se materializava muito pelo médium Peixotinho, notável médium de materializaçoes conhecido em todo o Brasil.

As reuniões eram na rua Moncorvo Filho, próximo ao Campo de Santana, em frente quase à Faculdade de Direito, do Rio de Janeiro.

De vez em quando se materializavam, entre outros espíritos, os de alguns literatos e poetas do Novo e do Velho Mundo. João de Deus sempre vinha. Barbas negras, cabelos iguaizinhos aos que aparecem em seus retratos e declamava poemas espiritualizados desconhecidos na Terra mas no mesmo estilo. Eu o vi muitas

vezes. Todo iluminado e em certa ocasião me apertou a mão. Noutras oportunidades me afagou o cabelo com muito carinho.

Seus poemas eram uma perfeição e refletiam além de profunda sabedoria, imensa beleza literária.

Infelizmente, nessa época não tinhamos gravador no Grupo e eram mesmo muito raros no Brasil.

Chico recebeu muita coisa bonita transmitida pelo poeta português.

Era uma alma
Formosa e bela:
Fúlgida estrela
De puro alvor,
Que habitava
Qual uma flor
O espaço infindo,
Imenso e lindo,
Nessas regiões
Onde há mansões
Purificadas,
Iluminadas
Do Criador.

Primeira estrofe do poema mediúnico, por Chico Xavier, "O máu Discípulo".

ETERNA MENSAGEM é outro soneto recebido pelo Chico:

Ainda e sempre o Evangelho do Senhor
É a mensagem eterna da Verdade,
Senda de paz e de felicidade,
Na luz das luzes do Consolador.

Nos caminhos da lágrima e da dor,
Ante os desfiladeiros da impiedade,
Não sabe o coração da Humanidade
Beber dessa água límpida do Amor.

Mas os túmulos falam pela estrada,
Em toda a parte fulge uma alvorada
Que ao roteiro dos Céus nos reconduz;

O Evangelho, na luz do Espiritismo,
É a escada de Jacob vencendo o abismo,
Trazendo ao mundo o verbo de Jesus.

Beleza e perfeição espirituais. O velho poeta volta a conversar com os homens na simplicidade do seu coração e do seu amor. A vida eterna que já em vida terrestre lhe vibrava no organismo físico, novamente, parece lhe encher a alma, que canta, agora, a glória excelsa da Imortalidade.

R. A. Ranieri

XIV

Emílio de Menezes

Emilio de Menezes era um espírito de profundidade insuspeitada.

Acreditamos que tenha passado pela vida sem ter sido devidamente compreendido por seus amigos. E ele os amou.

Olavo Bilac, Guimarães Passos, Bastos Tigre e outros. Todos que o rodeavam tiveram o seu amor. A morte de José do Patrocínio que também o amava abalou-o profundamente.

"Negro feito da essência da brancura,
Êsse que a terra hoje em seu seio cobre,
Sóis poreja pela pele escura!"

Chorou também com sinceridade a perda de Pedro Rabelo:

"Tu, que vítima fôste dêste estreito
E torpe meio, que avassala tudo,
Descansa em paz no derradeiro leito."

A Martins Fontes, o poeta cheio de sol, autor de **VERÃO,** livro recebido com entusiasmo e grande repercussão nacional, escreveu Emilio algumas poesias, e,

entre elas, um soneto, na oportunidade de sua formatura, e que termina assim:

"Em cura sê, qual na Arte, tão fecundo,
E serás, por direito de conquista,
O primeiro dos médicos do mundo!"

Em longo poema exalta o livro de Martins Fontes, num desprendimento, que chega às raias da incompreensibilidade. Eis a estrofe final:

Poemas, estrofes, versos, rimas,
Tudo que sinto, faço e penso,
Por morta ou viva inspiração,
Em nada vale às obras-primas
Que edificaste ao brilho imenso
Do quente sol do teu "Verão".

Escrito e publicado nos jornais da época. E cremos nós que, Emilio de Menezes, que era **gênio**, foi maior poeta que Martins Fontes.

Com um livro de apenas **seis sonetos, Marcha Fúnebre**, com essa simples plaqueta, ficou célebre da noite para o dia, embora já fosse relativamente conhecido por escrever em alguns jornais. O livro foi saudado com grande entusiasmo. Depois vieram outros.

"Em **Marcha Fúnebre** há que se admirar a orquestração maravilhosa dos versos perfeitos e o luxo das rimas, das tônicas e da adjetivação que emprestam tonalidades novas aos alexandrinos e decassílabos."

"Toda essa **Marcha Fúnebre** — comenta Elisio de Carvalho — feita de espasmos e claros anseios, exaltada por um sopro de epopéia produz uma funda, uma dolorida, uma desvairada emoção."

Essas citações tiramo-las de Raymundo de Menezes, o biógrafo maravilhoso de "Emilio de Menezes, o Último Boêmio."

Poeta dos maiores de nossa lingua só não foi mais importante do que é porque aliou à poesia, a esfusiante

R. A. Ranieri

alegria do jogral, do humorista e do satírico, à lá Bocage e Gregorio de Mattos.

Gênio em tudo, as piadas e suas críticas eclipsavam às vezes o grande poeta. Disse, salvo engano, Cyro dos Anjos, autor de "Abdias" e de "O Amanuense Belmiro", que **não há gênio em cerºulas e de chinelos** e que ninguém é gênio para a sua mulher...

O sorriso e a sátira de Emilio, companheiro inseparável de Paula Ney, que faziam o Rio rir todos os dias e o país gargalhar todas as semanas, evidentemente prejudicaram a sua posição de grande poeta da lingua. Isto porque poucos são os poetas que apresentam versos mais perfeitos que Emilio de Menezes e entre eles podemos, inclusive alinhar Olavo Bilac que não o superou. A facilidade de Emilio de Menezes para compor versos era extraordinária.

O inimitável satírico e humorista começa publicando um livro notável e sério chamado **Marcha Fúnebre**... Só isso já era para fazer rir. Infelizmente, não conseguia separar uma coisa da outra. Na realidade, conseguiu ser grande nas duas artes, mas ainda não foi reconhecido como deve, como o grande poeta que é.

—oOo—

A morte de Emilio foi, como toda a sua própria vida, uma obra de arte e uma obra de gênio. Enfraquecido, vendo as suas forças se abaterem pouco a pouco, hora a hora, visualizando a tristeza no olhar daqueles que o contemplavam, nem por isso se deu por vencido: até aos últimos instantes ria e brincava com todos. Diz Raymundo de Menezes em "O Último Boêmio", pág. 328:

"Poucos dias antes de morrer, recebeu Emilio a visita do poeta Alberto de Oliveira.

Descreveu o grande parnasiano, a seu irmão Bernardo, como se deu o encontro:

— Coitado do Emilio é um caso perdido. Acertei bem a casa. Bati. Abriram-me a porta. Fize-

ram-me entrar para o quarto. Emilio reconheceu-me logo: — Alberto!

Estava deitado de barriga para cima. Dei-lhe um beijo na testa:

— Então, querido amigo, disseram-me que estavas pior do que me parece; estás até com uma boa fisionomia...

—Achas? Pois olha, Alberto, quando chegaste eu estava a rir sozinho, pensando no logro que vou pregar nos bandidos dos vermes.

— Qual é o logro, Emilio?

— É que eles estão a esperar-me, contando que vou dar-lhes um banquete de banhas, daquelas minhas banhas tradicionais. Mas terão que contentar-se é com um banquete de ossos, Alberto.

E Emilio, que estava deitado de barriga para cima, coberto de alto a baixo com uma colcha azul, puxou esta para baixo até à cintura e disse:

— Estás vendo, Alberto? É só osso! As banhas foram-se.

E era isto mesmo..."

—oOo—

"Esgotaram-se todos os esforços do dedicado médico assistente Enéias Lintz para salvar Emilio da morte iminente.

O estado de saúde era desesperador, na véspera de 6 de Junho de 1918.

Atacado de pertinaz uremia, era fatal o desenlace. O coração aos tropeços, cansara-se de 52 anos de luta!

Lúcido, Emilio compreendera a situação. E teve um último desejo. Quis despedir-se dos amigos e oferecer-lhes, numa derradeira ironia, os préstimos do Além, recorda João Luso.

Imitando o doce poeta paulista Ezequiel Freire, que escrevera cartas de adeus a quem estimava, nas vésperas de morrer, Emilio através do telefone, colocado à cabeceira do leito, distribuiu num último aceno, a ternura do afeto entre os amigos diletos, emotivo às ve-

R. A. Ranieri

zes, jocoso aqui e ali, numa troca efusiva de carinhos reciprocos... Aquele esforço fôra demasiado e cansara-o. Piorava a cada hora que passava.

No dia seguinte depois do meio dia, sentiu a morte aproximar-se. Ainda recitou, voz sumida, olhos cheios de lágrimas, como num ato de contrição:

"Ante o pérpetuo sim, e ante o pérpetuo não,
Do bem que sempre fiz, nunca busquei o preço,
Do mal que nunca fiz, sofro a condenação."

Poucos são aqueles que morrem se despedindo dos amigos, e além disso, brincando de viva voz.

Emilio não morreu, passou para o Além. E quase até, sorrindo. Levou para lá a sua verve, a sua alegria e o seu modo de entender as coisas. O que não terá lhe acontecido do lado de lá? Coisas fantásticas, é certo. O grande poeta deve ter-se deslumbrado diante do Infinito e em face da Morte. Verificou com certeza que a morte não é tão má assim e que a liberdade é o maior bem que o Espírito Eterno pode conquistar antes de atingir a **Luz.**

Imagino a euforia do Emilio chegando no Plano Espiritual e cumprimentando jocosa e alegremente os seus irmãos poetas que foram antes do que ele. Quanta risada deu! A sua curiosidade inata deve ter levado o Emilio a visitar todos os grandes poetas e escritores de nossa lingua e da lingua portuguesa.

É claro que ficou ansioso por encontrar Camões e Castro Alves e outros... e muitos outros...

—oOo—

Chico não é satírico mas é alegre e gosta de dar boas gargalhadas. Ama as histórias e as historietas e creio que deve ter rido muito quando o Emilio de Menezes se aproximou dele para ditar-lhe os versos maravilhosos que vêem no **Parnaso.**

EU MESMO

Eu mesmo estou a ignorar se posso
Chamar-me ainda o Emilio de Menezes,
Procurando tomar o tempo vosso,
Recitando epigramas descorteses.

Como hei de versejar? Rimas em osso
São difíceis... contudo, de outras vezes,
Eu sabia rezar o Padre Nosso
E unir meus versos como irmãos siameses.

Como hei de aparecer? O que é impossível
É ser um santarrão inconcebível,
Trazendo as luzes do Evangelho às gentes...

Sou o Emiilo, distante da garrafa,
Mas que não se entristece e nem se abafa,
Longe das anedotas indecentes.

Vejamos alguns sonetos do Emilio-Gente para ver o **tom** e a **música, a forma** e **o pensamento** dele.

Fazendo uma crítica ao então ministro Pandiá Calógeras, Emilio dizia assim:

Tão pequenino e trêfego parece,
Com seu passinho petulante e vivo,
A quem o olha assim, com interêsse,
Que é a quinta-essência do diminutivo.

Figura de leiloeira de quermesse,
Meloso e parecendo inofensivo,
Tem de despeitos a mais farta messe,
E do orgulho é o humilimo cativo.

Não há talento que êle não degrade,
Não há ciência e saber que ele, à porfia,
Não ache aquém da sua majestade.

R. A. Ranieri

Dêle um colega, há tempos me dizia:
— É o Hachette ilustrado da vaidade,
É o Larousse da megalomania!

E este outro soneto sobre o ministro Lauro Müller:

De uma magreza de evitar chuvisco,
Tem a altura fatal de um para-ráio.
Tão alto que se o aspecto lhe rabisco,
Na vertigem da altura até desmáio.

Hoje é o senhor do cobiçado aprisco
De tenros diplomatas em ensáio;
Astuto, na rigeza de obelisco,
Não nos encara, espia de sosláio.

De alma arguta e sagaz, nada quimérica,
Feita de tino e de sabedoria,
Tudo a seu ver é uma função numérica.

Mas de andar e viajar, tem a mania.
Cometa diplomata da América,
Judeu errante da diplomacia.

Diz Raymundo de Menezes:

"Sobre a substituição no Itamaraty, Emilio, sempre empolgado pelos assuntos políticos, que lhe forneciam farto material para os versos humorísticos, delineou num soneto as impressões sobre o caso:

Isto é um caso de estética mineira,
De que o Brasil, por certo, não se ufana.
Há um armário, que em cada prateleira,
Ostenta mimos de arte soberana.

Bronze, cristais, em suma, a verdadeira
Ciência do gôzo e da delícia humana.
Há o ouro burilado e a alma altaneira
De um vaso esguio em rara porcelana.

Tal vaso (de que os homens são capazes!)
Foi tirado do móvel por mandinga
Dois mil politicões e seus sequases,

E, em vez dêle, hoje ali, mal pôsto ginga,
Na cerâmica alvar dos goitacazes,
Um moringue de reles tartaruga.

São estes alguns exemplos do poeta Emilio de Menezes, quando **gente**, na Terra.

Mas o Emilio voltou a escrever alguns sonetos, agora pelo Chico, como espírito. E como tantos outros espíritos imortais que retornaram ao mundo transmitindo a sua mensagem, ele também deu a sua cooperação para o entrelaçamento entre os dois mundos, o terrestre e o espiritual. Santo Agostinho escreveu alguns volumes sobre a **Cidade de Deus** e disse que existem as **Cidades de Deus**, e a de cima e a de baixo, a celeste e a terrestre.

Assim, é lógico, que as almas daqueles que já deixaram o nosso mundo tenham se transferido para a **Cidade Celeste**, para aquela onde vão todos os que passam entre nós.

Emilio tambem foi. Foi e voltou.

AOS MEUS AMIGOS DA TERRA

Amigos, tolerai o meu assunto,
(Sempre vivi do sofrimento alheio)
Revelai, que as promessas de um defunto
São cousa inda invulgar no vosso meio.

R. A. Ranieri

Apezar do meu cérebro bestunto,
O elo que nos unia, conservei-o,
Como a quase saudade do presunto,
Que nutre um corpo empanturrado e feio.

Espero-vos aqui com as minhas festas,
Nas quais, porém, o vinho não explode
Nem há cheiro de carnes ou cebolas.

Evitai as comidas indigestas,
Pois na hora do "salva-se quem pode",
Muita gente nem fica de ceroulas...

Sente-se nesses sonetos a presença do Emilio de sempre. A ironia ,a verve, a sinceridade.

É lógico que não pudesse se tornar santo da noite para o dia ou mesmo da vida física para a vida espiritual. Pelo simples fato de morrer o corpo não nos tornamos santos. O espírito **no lado de lá** continua sendo mais ou menos o mesmo. Guarda os mesmos conhecimentos e as mesmas características. Isto, de modo geral, porque **excepcionalmente**, os grandes espíritos, os santos e os gênios já se acham nos domínios de outras leis ou na rede de outras condições superiores. Mas gênio, santo e heroi não são a regra mas a exceção.

Intelectual e espiritualmente há muitos pontos de contacto entre o Chico e Emilio de Menezes. Apenas Chico é evangelizado e Emilio de Menezes declara que não pode se apresentar como um santarrão, de repente. Ambos, no entanto, são alegres e amigos de historietas engraçadas. A alegria do Chico é contagiante, a sua maneira de contar as coisas são tão atraentes quanto à do Emilio. Chico é um extraordinário conversador que talvez só encontre paralelo com Oscar Wilde. Mas o Emilio, embora num campo diferente e puramente humano e material que era o reino da anedota e da piada, também era um grande conversador. A afinidade do Chico com espíritos alegres e engraçados se comprova pela facilidade com que **recebe** o espírito de Cornélio Pires.

As trovas do poeta caipira e os sonetos doutrinários vêem do Além Túmulo para o grande médium, com imensa facilidade.

Só os laços de afinidade intelectual, espiritual, e às vezes, moral, podem permitir que um espírito se comunique **psicograficamente** por certo médium.

De acordo com passagem inserta no **Evangelho Segundo o Espiritismo**, nada tem a ver a mediunidade com a moral.

Isto quer dizer que a mediunidade é fato mecânico. Mas **diremos nós** que é fato mecânico mas de mecanismo psíquico e espiritual.

Como outros gênios da literatura, Emilio de Menezes retornou à Terra para dizer aos homens que a vida continua além da Morte.

XV

Raul de Leoni

Raul de Leoni era o que se chamava no começo do século, um esteta.

Oscar Wilde foi um esteta. A palavra de Wilde era um raio de luz vestido de sol. A poesia e a forma se casavam maravilhosamente, com perfeição. Raul de Leoni, também era assim. Sua Poesia veste-se de roupagem perfeita dentro de uma linguagem ática. Os versos saem-lhe espontâneos e perfeitos. Escrevia como quem respira, com a maior naturalidade. Naturalidade e simplicidade. Sem artifícios e sem muito enfeites. No entanto, a sua linguagem era uma linguagem luminosa.

Eu era uma alma fácil e macia,
Claro e sereno espelho matinal
Que a paisagem das coisas refletia,
Com a lucidez cantante do cristal.

Tendo os instintos por filosofia,
Era um ser mansamente natural,
Em cuja meiga ingenuidade havia
Uma alegre intuição universal.

Entretinham-se as ricas tecituras
Das lenas de ouro, cheias de horizontes
E de imaginações maravilhosas.

E eu passava entre as cousas e as criaturas,
Simples como a água lírica das fontes
E puro como o espírito das roas...

Cheio de claridade e de pureza, buscou em Itaipava, no alto da montanha, pouco além do coração de Petrópolis, a paz e a luz em sua enfermidade, nos dias finais...

Depois, pássaro jovem, deixou a Terra.

Autor glorioso de **Luz Mediterrânea**, que já foi célebre e que hoje através dos tempos, vai consolidando a glória do Poeta.

Raul de Leoni não foi nem um parnasiano puro nem um simbolista puro.

Oscilou entre as duas escolas, mas sente-se que encontra, como Hermes Fontes, um caminho novo. Sua poesia, cheia de imprevistos e novidades, abre novas clareiras no cenário da poesia brasileira. Infelizmente, para a literatura do Brasil, a morte levou-o cedo... Muito cedo, no mesmo trilho tradicional dos grandes poetas brasileiros, que morreram no alvorecer...

Raul de Leoni, espírito, contudo, visitou Chico Xavier. O encontro deve ter sido cheio de sorrisos, e Leoni deve ter sido recebido pelo Chico com alegria.

SONETO

Si todos nós soubéssemos na vida
A Verdade grandiosa e soberana,
Teriamos o gozo que promana
Dos sentimentos da missão cumprida.

Mas na Terra a nossa alma empobrecida
Presa dessa vaidade toda humana,
De desgraças e de erros se engalana
Numa incerteza amarga, irreprimida...

R. A. Ranieri

Vamos passando assim a vida inteira,
Sem esposar a crença imorredoura,
A fé demolidora de montanhas,

Quasi imersos na treva da cegueira,
Sem vislumbrar a luz orientadora,
Nessa noite de dúvidas estranhas!...

Foram as palavras que Raul de Leoni enviou pelo Chico. Vê-se que o espírito voltando à Realidade Espiritual, sentiu a grandeza do Universo e a insignificância da Vida Humana no minuto que passa.

Em **Maquiavélico** podemos sentir o estilo de Raul, como sonetista, pois que é evidente que nas outras formas poéticas, todo poeta tem estilo diferente. O metro é uma fortaleza que sempre desafia os maiores poetas da lingua. Raul, no entanto, dominava-o com facilidade. Também o soneto lhe nascia terso e espontâneo. Ei-lo vivo na Terra:

MAQUIAVÉLICO

Há horas em que minha alma sente e pensa,
Num tempo nobre que não mais se avista,
Encarnada num príncipe humanista,
Sob o Lírio Vermelho de Florença.

Vejo-a, então, nessa histórica presença,
Harmoniosa e sutil, sensual e egoista,
Filha do Idealismo epicurista,
Formada na moral da Renascença.

Sinto-a assim, flor amável do Helenismo,
Virtuose, — restaurando os velhos mapas
Do gênio antigo, entre exegeta e artista.

E ao mesmo tempo, por diletantismo,
Intrigando a política dos papas,
Com a perfidia elegante de um sofista...

Soneto este absolutamente reencarnacionista. Raul de Leoni-Gente se vê nas cortes papais, intrigando a política da Santa Sé...

Intrigando com elegância, segundo ele mesmo, e maquiavelicamente...

E sobre reencarnação há muitas **ressonâncias** em sua obra. No soneto **Transubstanciação**, escreveu ele no último terceto, depois de considerações gerais sobre a sobrevivência de seu organismo em outras formas de vida:

E, assim, irei buscando a Perfeição perdida,
Vivendo na Emoção de sêres diferentes,
Que a morte é a transição da vida para a vida...

É lógico que poderia ele estar falando materialmente de continuar a existir nas planatas, nos minerais, no ar... mas nele como na maioria dos grandes poetas brasileiros o sentimento profundo ou longínquo de uma outra existência antes ou além desta em que vivemos. O soneto **Maquiavélico** foi o exemplo. Ali, ele não deixou dúvida para qualquer outra interpretação que não seja reencarnacionista como a entendem os espiritas.

Raul foi um grande esteta. A beleza brilhava-lhe nos versos repassados, às vezes de imortalidade. O moço puro e bom, porque Raul foi um puro e um bom, que via a vida fugir-lhe célere, cada dia, escreveu o soneto imortal:

Nascemos um para o outro, dessa argila
De que são feitas as criaturas raras:
Tens legendas pagãs nas carnes claras
E eu tenho a alma dos faunos na pupila...

Às belezas heróicas te comparas
E em mim a luz olímpica cintila,
Gritam em nós toda as nobres taras
Daquela Grécia esplêndida e tranqüila...

É tanta a glória que nos encaminha
Em nosso amor de seleção, profundo,
Que (ouço de longe o oráculo de Eleusis)

Se um dia eu fosse teu e fosses minha,
O nosso amor conceberia um mundo
E de teu ventre nasceriam deuses...

As reminiscências da Grécia pagã e as repercussões da beleza helênica vibram ainda em Raul de Leoni.

Fala como um grego que sentisse saudades de sua terra, nos versos que grifamos e proclama a sua ancestralidade:

Tens legendas pagãs nas carnes claras
E eu tenho a alma dos faunos na pupila...

E grita, talvez de saudade remota:

E em mim a luz olímpica cintila,
Gritam em nós todas as nobres taras
Daquela Grécia esplêndida e tranqüila...

Há, é inegável, um desespero olímpico na alma de Raul; era grego ainda e em sua visão artística perpassava-lhe na retina imortal a Grécia pura, cheia de heróis e de artistas.

Se um dia eu fôsse teu e fôsses minha,
O nosso amor conceberia um mundo...
E do teu ventre nasceriam deuses...

Herdeiro das mais profundas concepções de beleza, diz dele Germano de Morais:

> "Cultivando como Bilac, as belas formas, vibrando a lança em pról do estilo, enlevado na serena elegância das idéias, Raul deixava-se levar pelos arroubos da poesia."

Não foi o soneto a forma poética mais característica de Raul de Leoni, pelo contrário, os poemas que nós podemos considerar de **formas livres** é que foram o seu forte. Pena é que Chico não tenha recebido outros tipos de poemas do Poeta, além dos Sonetos, pelo menos, se recebeu, não são do nosso conhecimento. Apesar disso, o pensamento eterno de Raul de Leoni aparece nos sonetos recebidos pelo Chico. Vejamos, então, alguns:

"POST MORTEM"

Depois da morte, tudo aqui subsiste
Neste Além que sonhamos, que entrevemos,
Quando a nossa alma chora nos extremos
Dessa dor que no mundo nos assiste.

Doce consolação, porém, existe
Aos amargosos prantos que vertemos,
Do confôrto celeste os bens supremos
Ao coração desalentado e triste.

Também existe aqui a austera pena
A conciência infeliz que se condena
Por qualquer erro ou falta cometida;

E a Morte continua eliminando
A influência do mal, torvo e nefando,
Para que brilhe a Perfeição da Vida.

R. A. Ranieri

SONETO

Não te entregues na Terra à indiferença.
Cheio de amor e fé, trabalha e espera;
Nos domínios do mal, nada há que vença
A alma boa, a alma pura, a alma sincera.

No pensamento nobre persevera
De servir, sempre alheio à recompensa,
O desejo do Bem dilata a esfera
Das luzes sacratíssimas da Crença.

Vive nas rutilantes almenaras
Dos castelos do Amor de essências raras,
Aspirando os olores da Pureza!...

Terás na Terra, então, a vida calma...
E a morte não será para tua alma
Jamais medonha e trágica surpresa.

É verdade que esses sonetos não reproduzem fielmente aquele clima poético de Raul de Leoni. Os poetas anteriores que estudamos **são muito mais eles mesmos,** pelo Chico.

Não podemos avaliar o gráu de afinidade entre o Chico e o Poeta de Petrópolis, fato que não acontece com Augusto dos Anjos, cuja identidade é perfeita. Mas acontece também que em Raul de Leoni a **poesia** como forma, ainda não havia se concretizado. Ele buscava formas novas, mas vacilava muito entre a poesia do seu tempo e aquela que haveria de vir. Era moderno e compreendia Marinetti, dizia mesmo que havia necessidade de uma renovação, porém se mantinha muitas vezes nos velhos metros.

Não sabemos, por outro lado, qual a sua situação espiritual no Mundo dos Espíritos. Morreu moço e passou para o plano da Vida Imortal, talvez frustrado. Não há em seu espírito, nesses sonetos, aquela **euforia**

de viver, que era sua característica fundamental. Pelo contrário, notamos nele, muita seriedade. Vejamos o soneto.

LUTA

Aí na Terra é a bem-aventurança
O sonho que todo o espírito agasalha,
Mas, mesmo após a morte, a alma trabalha
Buscando o céu das suas esperanças.

Muita vez, quando pensas que descansas,
Além te espera indômita batalha,
Onde o suposto gozo se estraçalha
Sob o guante acerado das provanças.

Para cá do sepulcro a dor antiga,
Que nos traz o desânimo, a fadiga,
Sob a luz da verdade se atenua;

A febre das paixões desaparece,
O Espírito a si mesmo reconhece
Mas a luta infinita continua.

Como dissemos, os sonetos não caracterizam Raul de Leoni. Embora o que dissemos, é fáto que encontramos sonetos como o que iremos citar que de alguma forma lembra esse anterior chamado luta.

Em **Nossos Clássicos**, da Agir, Raul de Leoni, por exemplo, diz:

VIVENDO

Nós, incautos e efêmeros passantes,
Vaidosas sombras desorientadas,
Sem mesmo olhar os rumos das passadas,
Vamos andando para fins distantes...

Então, sutis, envolvem-nos ciladas
De pequenos acasos inconstantes,
Que vão desviando, a todos os instantes,
A linha leviana das estradas...

Um dia, todo o fim a que chegamos,
Vem de um nada fortuito, entretecido
Nas surprêsas das horas em que vamos.. .

Para adiante! Ó ingênuos peregrinos!
Foi sempre por um passo distraido
Que começaram todos os destinos...

Como afirmamos, Raul vacilava muito no estilo. Procurava novas formas e teria achado se houvesse vivido mais. "Luz Mediterrânea" foi uma prova da sua capacidade para criar uma poesia sua, talvez "ática e pagã", mas toda sua.

Isso deveria acontecer. Mesmo assim, esse livro lhe deu a imortalidade.

E após a morte do corpo físico, retorna Raul de Leoni através da mente mediúnica de Chico Xavier. Agora, com nova concepção. O corpo que caiu na terra ressurgiu no mundo espiritual. Jesus também desceu aos Infernos e o seu corpo permaneceu no sepulcro de pedra, mas no Terceiro Dia ressurgiu para a glória eterna da Imortalidade Gloriosa.

R. A. Ranieri

XVI

Pedro de Alcântara

Pedro de Alcântara, Imperador do Brasil.

Criança ainda, recebeu o jovem príncipe a herança de governar o maior país da América, verdadeiro continente.

O pai, que segundo uns era um louco e segundo outros, uma inteligência descontrolada, sentindo que deveria deixar o Brasil, entregou o filho aos cuidados de seu maior adversário, José Bonifácio de Andrada e Silva.

Os Andradas distinguiram-se no Império pela rigidez do caráter e honestidade da conduta. Inteligências lúcidas e higidez política faziam deles inimigos respeitados e amigos venerados.

Pedro I, que fez a Independência do Brasil e compôz também o Hino da Independencia, espírito contraditório, com rasgos de herói e gênio, viu nos Andradas o futuro de seu filho e a garantia de posse das terras humbérrimas do Brasil.

Espírito milenar, antigo, Pedro II, que foi chamado **Longinus** por Humberto de Campos, em "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", escreveu poucos sonetos em nossa lingua. O Velho Imperador que governou o Brasil durante cincoenta anos era um grande poeta. Sonetista maravilhoso, alma pura, coração de ouro, amava a poesia.

Em nossa memória, pensando agora nele, nos vem a visita que fez a Victor Hugo. O grande poeta francês, recebeu-o com respeito e disse-lhe:

— Majestade...

Ao que o Imperador retrucou:

— Aqui, só uma majestade: a majestade do vosso gênio.

O genial escritor, no entanto, não ficou para tráz. Quando Pedro II logo depois, lhe disse.

Senhor, quero conhecer as vossas obras —, respondeu exibindo os netos.

Eis aqui as minhas obras.

Esse diálogo que é eterno, aos nossos olhos, tem uma excelsa sublimidade. Humildes e amigos da humanidade ambos se parecem profundamente. Vemos neles aquele espírito cristão que tudo perdôa, que tudo compreende e tudo espera.

Pedro II abdicando da sua qualidade de Imperador — "Aqui só há a majestade do vosso gênio" —, focalizou a grandeza da arte e a majestade dos gênios, e Victor Hugo, falando em seus netos, demonstrou que acima dele que escrevera grandes livros, imortais, estava Deus que criava a criatura humana.

Diálogo, na realidade, para todo o gênero humano.

Pois esse Imperador, bom e humilde, sereno e cheio de majestade, que governou o Brasil por cincoenta anos, era um grande poeta.

Só não foi maior poeta porque o fato de ser o grande Imperador que foi ofuscou tudo o mais que poderia ser. Poucos, no entretanto, o igualaram na arte da poesia, seus sonetos são puros, perfeitos, cheios de sentimento. Alma aberta ao conhecimento e à liberdade, ao amor e à Justiça. Bom num mundo de máus, deixou a beleza de sua presença na memória imperecível dos séculos.

—oOo—

O velho Imperador sofreu o exílio e viu à sua volta a ingratidão. Os homens que ele ajudou na sua maioria o trairam.

Não maldigo o rigor de iniqua sorte,
Por mais atroz que seja e sem piedade,
Arrancando-me o trono e a majestade,
Quando a dois passos só estou da morte!

Do jogo das paixões minh'alma forte
Conhece a fundo a triste realidade,
Pois, se agora nos dá felicidade,
Amanhã tira o bem que nos conforte.

Mas a dôr que excrucia, a que maltrata,
A dôr cruel que o ânimo deplora,
Que fere o coração e quasi o mata,

É ver da mão fugir, à extrema hora,
A mesma boca lisongeira e ingrata,
Que tantos beijos nella poz outr'óra!

Mas após a morte do corpo, Pedro de Alcântara, o Imperador do Brasil, procurava:—

MEU BRASIL

Longe do meu Brasil, triste e saudoso,
Bastas vezes sentia, mal desperto,
Com o coração pulsando, estar já perto
Do pátrio lar, risonho e bonançoso.

E deplorava o rumo escuro e incerto,
Do meu desterro amargo e desditoso,
Desalentado e fraco, sem repouso,
O coração em úlceras aberto.

Enviava, a chorar, na aura fagueira,
Minhas recordações em terna prece
Ao torrão que adorara a vida inteira;

Até que a acerba dor, enfim, pudesse
Arrebatar-me à vida verdadeira,
Onde a luz da verdade resplandece.

Sente-se aí o mesmo cérebro e o mesmo coração. O tom triste e conformado do Imperador, o espírito resignado e bom, aceita com serenidade as injustiças do Mundo. **Longinus**, que recebeu a missão de colaborar para o estabelecimento do "Brasil, Coração do Mundo", recebe com carinho as ingratidões e perdôa sempre sem medir os limites.

Segundo Humberto de Campos, através de Chico Xavier, no livro "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", Pedro II, o velho Imperador, era a reencarnação do Espírito de Longinus e a ele, assim se refere Humberto:— "Recebendo as confidências de Ismael, que apelava para a sua misericórdia infinita, considerou o Senhor a necessidade de polarizar as atividades do Brasil num centro de exemplos e virtudes, para modelo geral de todos. Chamando Longinus à sua presença, falou com bondade.

"Longinus, entre as nações do orbe terrestre, organizei o Brasil como o coração do Mundo. Minha assistência misericordiosa tem velado constantemente pelos seus destinos e, inspirando Ismael e seus companheiros do Infinito, consegui evitar que a pilhagem das nações ricas e poderosas fragmentasse o seu vasto território, cuja configuração geográfica representa o órgão do sentimento no planeta, como um coração que deverá pulsar pela paz indestrutível e pela solidariedade coletiva e cuja evolução terá de dispensar, logicamente, a presença continua dos meus emissários para a solução dos seus problemas de ordem geral.

Bem sabes que os povos têm a sua maioridade, como os indivíduos, e se bem não os percam de vista os gênios tutelares do mundo espiritual, faz-se mistér se lhes outorgue toda a liberdade de ação, a fim de aferirmos o aproveitamento das lições que lhes foram prodigalizadas.

Sente-se o teu coração com a necessária fortaleza para cumprir uma grande missão na Pátria do Evangelho?

Senhor — respondeu Longinus, num misto de expectativa angustiosa e de refletida esperança — bem conheceis o meu elevado propósito de aprender as vossas lições divinas e de servir à causa das vossas verdades sublimes, na face triste da Terra. Muitas existências de dôr tenho voluntariamente experimentado, para gravar no intimo do meu espírito a compreensão do vosso amor infinito, que não pude entender ao pé da Cruz dos vossos martírios no Calvário, em razão dos espinhos da vaidade e da impenitência, que sufocavam, naquele tempo, a minha alma. Assim, é com indizível alegria, Senhor, que receberei vossa incumbência para trabalhar na terra generosa, onde se encontra a àrvore magnânima da vossa inesgotável misericórdia. Seja qual fôr o gênero de servicos que me forem confiados, acolherei as vossas determinações como um sagrado ministério.

Pois bem — redarguiu Jesus com grande piedada — essa missão, se for bem cumprida por ti, constituirá a tua última romagem pelo planeta escuro da dôr e do esquecimento. A tua tarefa será daquelas que requerem o máximo de renúncias e devotamento. Serás Imperador do Brasil, até que ele atinja a sua perfeita maioridade, como nação."

Essas foram as palavras de Jesus Cristo a Longinus, futuro Imperador do Brasil.

Para esta terra havia sido transplantada a àrvore maravilhosa do Evangelho e aqui haveria de surgir uma Nova Humanidade.

—oOo—

Eis o soneto que Pedro de Alcântara escreveu à Imperatriz:

Corda que estala em harpa mal tangida,
Assim te vais, ó doce companheira
Da fortuna e do exílio, verdadeira
Metade de minh'alma entristecida!

De augusto e velho tronco hástea partida,
Transplantada à terra brasileira,
Lá te fizeste a sombra hospitaleira
Em que todo infortúnio achou guarida.

Feriu-te a ingratidão no seu delírio;
Caiste e eu fico, a sós, neste abandono
Do teu sepulcro vacilante cirio!

Como fôste feliz! Dorme o teu sono...
Mãe do povo, acabou-se o teu martírio;
Filha de Reis, ganhaste um grande trono.

E no célebre soneto que vamos transcrever, vemos toda a alma amorosa e serena de D. Pedro, aquela serenidade dos que confiam em Deus.

Espavorida agita-se a criança,
De noturnos fantasmas com receio,
Mas se abrigo lhe dá materno seio,
Fecha os doridos olhos e descansa.

Perdida é para mim tôda a esperança
De volver ao Brasil; de lá me veio
Um pugilo de terra, e nesta, creio,
Brando será meu sono e sem tardança.

Qual o infante a dormir em peito amigo,
Tristes sombras varrendo da memória,
Ó doce Pátria, sonharei contigo!

E entre visões de paz, de luz, de glória,
Sereno, aguardarei no meu jazigo,
A Justiça de Deus, na voz da História.

O estilo de D. Pedro é majestoso e, na realidade, nunca se viu outro igual no Brasil, nem antes nem depois dele.

As palavras e os versos saem-lhe com serena naturalidade. Quem está habituado a **ouvir e ver versos e sonetos** percebe de imediato o estilo que se diria **oceânico**... Como o mar que se espraiasse, como o Amazonas que após estrondear na foz se esparramasse, largo, imenso, no meio das aguas salgadas...

Lembra as àrvores da floresta amazônica e a vastidão do firmamento.

Pedro veiu de longe. Por isso talvez seu nome espiritual seja **Longinus.**

Que espírito poderoso será esse que teve a missão de consolidar a unidade das terras e do pensamento do Povo do Brasil?

Ouve tempo em que se dizia que Pedro de Alcântara era a reencarnação do soldado ou do centurião romano que feriu Jesus com a lança, no madeiro da infâmia. Verdade é que nunca ouvi essa versão dos lábios do Chico ou de outro médium de responsabilidade, mas dizia-se isso. E pela página que transcrevemos acima do livro de Humberto tem-se a impressão de coisa parecida.

O exílio, porém, foi a nota pungente que tocou o coração de Pedro.

Além do seu governo democrático, de amor ao povo e à terra, fala-nos constantemente Pedro de Alcântara do exílio que lhe roubou a Pátria querida.

Ei-lo, ainda agora, através de Chico Xavier:

SONETO

No exílio é que a alma vive da lembrança,
Numa doce saudade enternecida,
Tendo chorosa a vista que se cansa
De procurar a pátria estremecida;

Com dolorosas lágrimas avança,
Do sonho que teceu e amou na vida,
Para a morte, onde tem sua esperança,
Na celeste ventura prometida.

E Deus, que os orbes cria, generoso,
Na vastidão dos céus iluminados,
Concede a paz ao triste e ao desditoso

Na clara luz dos mundos elevados,
Onde, do amor, reserva o eterno gozo
Para as almas dos pobres desterrados.

E este:

PÁGINA DE GRATIDÃO

Tangendo as cordas da harpa da saudade,
Venho ao Brasil buscar a essência pura
Do amôr da pátria minha, da doçura
Da flor cheia do aroma da amizade.

Prende o meu coração a suavidade
Desse arroubo de afeto e de ternura
D'alma do povo meu, que de ventura
E de alegria o espírito me invade.

Do misterioso aquém da morte, eu vejo
Sentindo, essa onda intensa e luminosa
Da afeição, que idealiza o meu desejo:

E tendo a gratidão por companheira.
Volvo ao pátrio torrão de alma saudosa,
Amando mais a Terra Brasileira.

Provavelmente, D. Pedro, no futuro, voltará a se reencarnar no Brasil. Cremos nós, sinceramente, que êsse glorioso Espírito não tenha mais necessidade de **reencarnar na Terra** ou em mundos semelhantes.

Sua evolução espiritual já é muito grande.

Muitos espíritos, porém, voltam por amor.

—oOo—

Tão profunda é a sua afeição pelo Brasil, que os versos, mesmo mediúnicos, lhe saem do coração:

NO EXÍLIO

Pode o céu do desterro ser tão belo,
Quanto o céu do país em que nascemos,
Nada faz com que o nosso desprezemos,
Acalentando o sonho de revê-lo.

Todo o nosso ideal pomos no anelo
De regressar. E voando sobre extremos.
Com o pensamento ansioso percorremos
Nosso amado rincão, lindo ou singelo.

É o destêrro a terra da amargura,
De acerba pena ao pobre penitente,
De amor o pranto da alma torturada;

A alegria no exílio é desventura,
É a saudade na ânsia mais pungente
De retornar à pátria idolatrada.

—oOo—

Sente-se nesses versos que vamos transcrevendo, a presença venerável de D. Pedro. Chico captou-lhe o pensamento e a alma.

Retorna o grande poeta, Imperador do Brasil, a falar-nos na misteriosa faixa da vibração espiritual. Sentimo-lo de novo, na acústica da mente, tangendo as cordas do mágico instrumento que é Chico Xavier.

ROGATIVA

Magnânimo Senhor que os orbes cria,
Povoando o Universo ilimitado,
Que dá o pão ao faminto, ao desgraçado,
E ao sofredor os raios de alegria.

Se, de novo, no mundo, desterrado,
Necessitar viver inda algum dia,
Que regresse ditoso ao solo amado
Da generosa pátria que eu queria;

Se é mister retornar a um novo exílio,
Seja o Brasil, lá onde eu desejara
Ter vestido o meu pranto derradeiro...

Que eu novamente viva sob o brilho,
Da mesma luz gloriosa que eu amara,
Na alcandorada terra do Cruzeiro.

Aliás, este amor de D. Pedro II pelo Brasil, deve ser um exemplo para todos nós. Quer dizer que o Espírito se liga à terra e aos povos. Compromissos espirituais através dos tempos fazem-nos responsável, de certa forma, pelas coletividades, e lhes dá o direito e a provação de governá-los.

Uma ocasião, Chico nos disse que a família imperial brasileira, desde D. João VI, tinha muita responsabilidade para com o Brasil. E falou-nos mesmo, há pouco tempo:

— Olha, Ranieri, a maioria das **figuras** está aí.

Afirmava com isso que estavam muitos homens públicos do Império e da República, reencarnados de novo no Brasil.

Havia os que acreditavam que D. Pedro I seja João Goulart ou Ademar de Barros. Comentários dos espíritas naquela época.

E alguns espíritas de responsabilidade viam em Getúlio Vargas, Dom João VI. De fato, quando na Presidencia da Republica, Getúlio Vargas tomou muitas medidas semelhantes às que foram tomadas por D. João VI quando chegou ao Brasil e foi ele que mandou abrir e construir a **avenida Getúlio Vargas**, projeto antigo de D. João VI, conforme provou Gustavo Barroso através de documentário histórico publicado na Revista **Noite Ilustrada.**

Há muita gente que crê que Juscelino tenha sido um faraó do Egito.

As encarnações às vezes afloram na alma da criatura humana, e ela, por algum tempo se transforma noutro sêr. Isto é, na realidade, mais comum do que se pensa.

Realmente, há algumas coincidências notáveis de semelhanças extraordinárias entre Getúlio e D. João VI. Não só o tipo físico, mas também a manha de governar e o impulso que ambos deram ao país. Se os estudarmos detidamente veremos que **em momentos parecidos,** tomaram medidas semelhantes.

É lógico que D. Pedro II se retornar ao Brasil reencarnado deverá ocupar novamente a direção do Povo, de alguma forma que, no momento, não podemos prever. Poderá ser como Presidente ou mesmo Imperador, pois não há no Brasil ainda monarquistas? Embora pareça coisa remota e superada no tempo, nenhum povo está isento de retornar a formas anteriores de governo.

Pedro de Alcântara, poeta de nossa gente, contudo, já retornou através de Chico Xavier para a Imortalidade do Espírito entre os homens.

Parece-nos ouvi-lo ainda falar no ouvido do tempo:

E entre visões de paz, de luz, de glória,
Sereno, aguardarei no meu jazigo,
A Justiça de Deus na Voz da História.

E o Tempo, com Deus, lhe fez Justiça.

ENDEREÇO DO AUTOR
Rua Luiz de Menezes — 44
Vila Paraiba
GUARATINGUETÁ — ESTADO DE S. PAULO
BRASIL

Lake — Livraria Allan Kardec Editora Ltda.
R. Bom Pastor 1.155 — Fones: 63-2155 e 273-0666
Cx. Postal 15.190 — SÃO PAULO — BRASIL

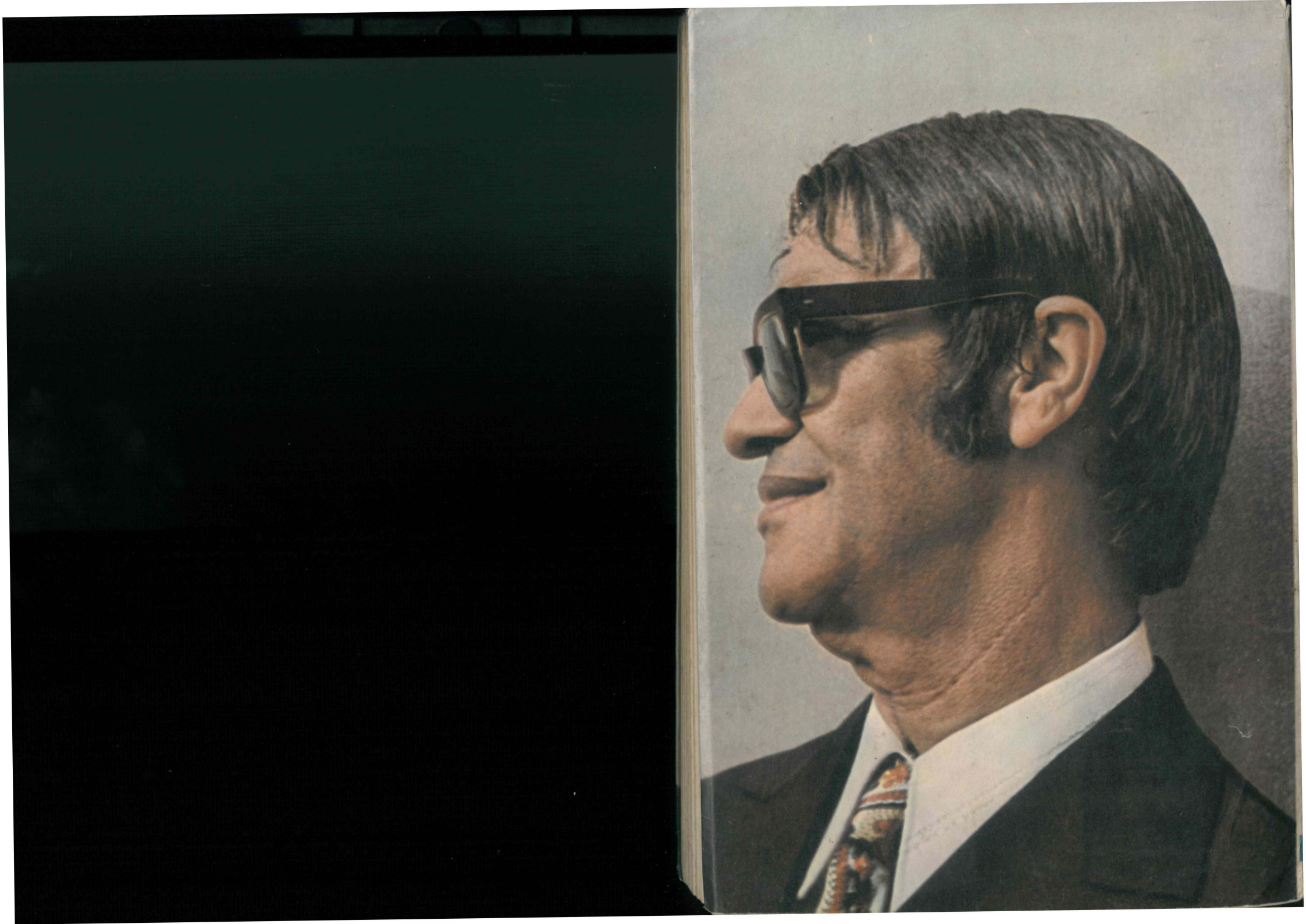
Edições LAKE

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Através do Tempo — Espíritos Diversos — Cartas de Uma Morta — Maria João de Deus — Cartas do Evangelho — Casimiro Cunha — Cartas do Coração — Espíritos Diversos — Chico Xavier — Dos Hippies aos Problemas do Mundo — Emmanuel — Coletânea do Além — Espíritos Diversos — Flores de Outono — Jésus Gonçalves — Leis de Amor — Emmanuel — Lira Imortal — Espíritos Diversos — Nosso Livro — Espíritos Diversos — Páginas do Coração — Irmã Candóca — Palavras do Infinito — Humberto de Campos — Taça de Luz — Espíritos Diversos.

ALLAN KARDEC

O Evangelho Segundo o Espiritismo — O Livro dos Espíritos — O Livro dos Médiuns — Obras Póstumas — O Ceu e o Inferno — A Gênese — Preces do Evangelho Segundo o Espiritismo (Bolso) — O Que é o Espiritismo? — Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita — e O Principiante Espírita. Biografia de Allan Kardec — por Henri Sausse.

Pedidos pelo Reembolso Postal:

LAKE — LIVRARIA ALLAN KARDEC EDITORA LTDA
Caixa Postal 15.190
SÃO PAULO — BRASIL